

**Organizadora**

Sônia Queiroz

## **Histórias de sabidos**

transcrições e transcriações de contos orais



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2011

**Diretor da Faculdade de Letras**

Luiz Francisco Dias

**Vice-Diretora**

Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

**Comissão editorial**

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Fábio Bonfim Duarte

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Sônia Queiroz

**Projeto Gráfico**

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

**Preparação de originais**

Gleicienne Fernandes

Paulo Silas dos Santos Ferreira

**Diagramação**

Gabriela Brasileiro

**Revisão de provas**

Eduardo Siqueira

Tatiana Chanoca

**Endereço para correspondência**

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 4081

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

*e-mail*: revisores.fale@gmail.com

*site*: [www.lettras.ufmg.br/labeled](http://www.lettras.ufmg.br/labeled)

# Sumário

**7 Os sabidos da história**

**19 Juãozim e Pena Verde**

**35 Joãozinho e Pena Verde**

Transcrição de Milena Ariele Borges

**49 João Tomba-Morro**

**79 A história de João Tomba-Morro**

Transcrição de André F. S. Carvalho

**103 Os três rapais**

**107 A maçã da sorte**

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

**113 História da crise**

**121 Fazendo a própria sorte**

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

**133 A história do Luiz Campanha**

**135 Duelo entre Luiz Campanha e o Mistério Divino**

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

**139 Os tambozero**

**141 Duelo de tambores**

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

**143 A história do cigarro**

**147 Tempo de povo sabido**

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

**151 Pai Urubu e Pai Jacarandá**

**155 Urubu-rei X Jacarandá-ferro**

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

**159 O moço ressuscitado pur Pai Jacarandá**

**161 O moço ressuscitado por Pai Jacarandá**

Transcrição de Milena Ariele Borges

**163 Pai Francisco**

**165 Como reza o contrato: cordel para Pai Francisco**

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

**171 A irmã Anastácia**

**173 A irmã Anastácia**

Transcrição de Milena Ariele Borges

## Os sabidos da história

O que é um sabido? É um feiticeiro? É um curandeiro referenciado por uma comunidade? É uma pessoa que guarda conhecimentos tradicionais?

Na cultura tradicional africana, a atividade do indivíduo que detém conhecimentos e poderes que transcendem concepções de mundo baseadas na razão ocidental é marcada por deslocamentos e transformações. O livro *Cultura tradicional banto*, de Raul Ruiz de Asúa Altuna, define esses sabidos como “especialistas da magia banto” e os caracteriza a partir de três categorias: curandeiros, adivinhos e feiticeiros.<sup>1</sup>

No entanto, o estabelecimento de fronteiras para as ações de cada um desses especialistas em uma comunidade tradicional africana é bastante difícil. Raul Ruiz Asúa Altuna chama a atenção para o fato de que as atividades, por exemplo, do adivinho e do feiticeiro são semelhantes

<sup>1</sup> ALTUNA. *Cultura tradicional banto*, p. 570.

na origem e na técnica usada por ambos. Além disso, em uma comunidade, o adivinho, assim como o feiticeiro, pode ser temido pelo seu poder, já que é considerado misticamente perigoso.<sup>2</sup>

Percebe-se que as figuras desses especialistas da magia se entrecruzam. Esse entrecruzamento de funções e atuações pode ser percebido nos próprios contos que compõem esta coletânea – histórias afro-descendentes em que se inscreveram elementos da cultura africana banto, cultura muito presente no Brasil em virtude dos africanos que aqui aportaram na condição de escravos.<sup>3</sup>

Os personagens Pai Urubu, Pai Jacarandá e Pai Francisco são um exemplo. Esses personagens, nomeados como “pais”, eram escravos que nos trabalhos de mineração atuavam como chefes dos demais escravos.

<sup>2</sup> ALTUNA. *Cultura tradicional banto*, p. 570.

<sup>3</sup> “O termo *banto* (< bantu, ‘os homens’, plural de *mntu*) foi proposto por W. Bleek, em 1862, na primeira gramática comparativa do banto, para nomear a família linguística que descobrira, composta de várias línguas oriundas de um tronco comum, o protobanto, falado há três ou quatro milênios atrás. Só mais tarde é que o termo passou a ser usado pelos estudiosos de outras áreas para denominar 190.000.000 de indivíduos que habitam territórios compreendidos em toda a extensão abaixo da linha do equador, correspondente a uma área de 9.000.000 Km<sup>2</sup>. Seus territórios englobam países da África Central, Oriental e Meridional: República Centro-Africana, Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo-Kinshasa), Zâmbia, Burundi, Ruanda, Uganda, Quênia, Malawi, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique, África do Sul.” (CASTRO. *Falares africanos na Bahia*: um vocabulário afro-brasileiro, p. 25.)

Esses “pais” configuram-se como personagens importantes na memória da região do antigo Arraial do Tijuco, hoje municípios de Diamantina e do Serro; tanto que, em Milho Verde, existe o “poço do Pai Jacarandá”. Esse “poço” está situado em um trecho do rio Jequitinhonha e ganhou esse nome por ser o local onde ficava o Pai Jacarandá durante os trabalhos de mineração. Durante a oficina “Vissungos: cantos afrodescendentes de vida e morte”, ministrada pela prof<sup>a</sup>. Sônia Queiroz, no 36º Festival de Inverno da UFMG, em 2004, Ivo Silvério da Rocha e Antônio Crispim Veríssimo, mestres de vissungo do grupo de Catopê de Milho Verde, disseram conhecer as histórias de Pai Jacarandá e Pai Urubu. Crispim lembrou-se que, durante o preparo de angu, Pai Jacarandá conseguia mexer a massa quente com as próprias mãos, sem se queimar, dispensando o auxílio de qualquer talher.

Nesta coletânea, as histórias de Pai Urubu, Pai Jacarandá e Pai Francisco foram narradas por Pedro Braga, contador de histórias do Vau, povoado próximo a Milho Verde, no município de Diamantina. Na história “Pai Urubu e Pai Jacarandá”, os dois personagens, em um dia de folga dos trabalhos da mineração, travam um duelo por intermédio da palavra.

O Jacarandá mandô matá treis galo pa dá p'ês jantá. Dipois desse jantá pronto, todo mundo em orde, qu'ês foro cumeçá a jantá, o Pai Urubu levantô e disse:

— Come carne, ma num rói cabeça de osso.

Mandô que depositasse tod'os osso nu'a travessa. Atravéis de todos jantarem, ele levantô, puxô du'a capanga de coro, tirô um pano veludado, e rebuçô aquês osso. E aí ele falô u'a language que ninguém 'tendeu, uns dez minuto. Dipois, ele aguardô um certo momento, e esse pai do Ricardo viu o pano mexeno. Ele foi, o próprio Pai Urubu tirô o pano, tinha um galo perfeito. Ele foi e disse:

— Cant'angaro!

O galo pulô em cima da mes'e cantô. O Jacarandá oiô assim e disse:

— Vorta galo pro seu lugar!

O galo vortô e dismanchô.

É interessante perceber nesse conto que a manifestação dos poderes de Pai Urubu e Pai Jacarandá acontece no uso de uma palavra africana: *angaro*. Essa palavra, nas línguas africanas umbundo e quim-bundo, ambas do grupo banto, significa 'galo'. Nesse conto, os poderes mágicos provocam a inscrição da voz africana em um conto narrado em

língua portuguesa, a língua do senhor branco, e provoca uma espécie de grito de resistência contra o processo de escravidão.

Em outro conto, “O moço ressuscitado por Pai Jacarandá”, surge novamente o personagem Pai Jacarandá. No início da narrativa, os poderes sobrenaturais, que no conto anterior puderam provocar uma resistência à escravidão, são atribuídos a um possível pacto do personagem com o demônio.

O Pai Jacarandá, conforme as tradições, ele tinha, parecia que tinha parte até c’o demão. El’ia sempre em Miio Verde bebê cachaça, mais pa num dexá faia no lugá dele, ele dipindurava um sobrecasaco, qu’ele levava aguardan’o frio, e punha nu’a estaca, e cuspiá lá em roda, e saía. Saía, o Joaquim de Paula chegava, num dava farta dele lá no sirviço; o sirviço cuntinuava como se ele tivesse lá.

Emana a interrogação: Pai Jacarandá é um feiticeiro que estabeleceu pacto com o diabo? Ou um guardião de saberes tradicionais que resistem à escravidão de um povo?

Ainda na mesma narrativa, Pai Jacarandá, anteriormente caracterizado como uma espécie de feiticeiro, atua como curandeiro e devolve a vida a um jovem morto.

— Quem é esse aí?

Disse:

— Ah, é fulano.

Eu num sei o nome não, num fiquei sabent' não.

— Põe a rede dele no chão aí.

Pusero a rede dele no chão, ele oiô:

— Ah, dessa veis ele num vai interrado não.

Meteu a mão na capanga, tirô u'a raiz, rapô, pôs num coitezim, pegô a cachaça, e pôs lá um poquim da cachaça, e misturô:

— Abre boca dele.

Diz qu'ês meteu uns ferro, abriu a boca dele, u'as faca, num sei que lá mais, abriu a boca dele à força, e ele virô. Virô o remédio, diz que passar'uns momento, diz qu'ele cumeçô a mexê. Cum pôco ele abriu os ói, sentô, depois ele mesmo levantô e vortô são. Ressuscitô.

Em outro conto narrado por Pedro Braga, o poder de Pai Francisco também é associado a um possível pacto com o diabo. Nessa história, é narrada a morte do personagem e sua chegada ao inferno. No entanto, é graças ao poder, associado ao diabo, que Pai Francisco, assim como Pai Jacarandá, consegue resistir ao trabalho escravo. Mais uma vez, o uso

desses poderes não podem ser compreendidos apenas como ações que provocam o mal e relacionados apenas com a imagem do feiticeiro, cuja atuação possui, de modo geral, caráter negativo.

Diz qu'ele tirava a precata, batia a precata uma na outra, carçava 'tra vez, entrava no rio. Intrava. Cum pouco, ele saía d'oto lado, e tirava as precata:

— Ô cumadre, minhas precata tá inxuta.

No dia qu'esse Mané Francisco morreu, minha mãe sempre nos contava, que eles levaro ele nu'a rede pa interrá no Milho Verde, quando chegô lá no Campo Alegre, tinha dois rapaz, vistoso!, um do la'do caminho e o to d'oto lado, dibaxo. E diz qu'esses dois moço:

— Vô... - 'sim - Licença, nós vamo carregá essa rede um pouco.

Diz que um pegô no colo da rede adiante, o o to pegô atrás. Quand'eles andaro uns cinquenta passo mais o meno, um berô po o to e disse:

— Tá siguro, Tumais?

O o to falô assim:

— Tá siguro até dimais.

E diz qu'esses dois moço sumiu co'essa rede, qu'ês num viro mais o distinto dessa rede. Chegaro im Milho Verde, perguntaro:

— Num chegaro, num chegô dois moço com uma rede aí não?

— Não. Num chegô ninguém não.

Aí voltaro, apavorado. Quando ês chegaro aí na Fazenda das Abóbra, diz que ouviu um istrondo, cum coisa que foi passage de um planeta. Um virô e disse:

— Ó, eu já sei: é a chegada de fulano no inferno.

Intão, minha mãe nos contava que a avó dela contava esse caso, que acunteeu nas Abóbra.

Em outra história, “Os tamborzeiros”, narrada pelo contador Joel, de Minas Novas, há um duelo em que se manifestam poderes mágicos durante a Festa do Rosário. Esse duelo acontece entre tocadores de tambor de dois municípios do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais: Chapada do Norte e Minas Novas. Esses tocadores de tambor estabelecem um duelo cujo fim é definir qual grupo apresenta a melhor *performance* com o instrumento.

Aí ês foi cantano, cantô que ês num sabia nada, sabe num sabe, o oto falano qu’ê ele... Aí, daí a poco, quand’ês já tava naquele duelo, há muitas hora, os tambozero aqui de Chapada do Norte suspendeu o tambô, né? Quando suspendeu o tambô, saiu um galo preto `rupiado, pescoço pelado, e tchiú!, pá!, rastano asa’ssim,

no largo, né? Aí, os daqui acharo muita vantagem, né? Que achô que tava... vencia co'ele, que tava venceno, né? Quand'ês achô que tava venceno, os tambozero de Minas Nova arribô o tambô: saiu um gato preto. E esse gato preto foi pegan'esse galo rupiado, e desceu pa bera do Capivari, saiu lá no Largo do Rosário, e foi desceno no buraco e foi embora c'ô gato preto.

Observa-se que nesse conto, durante o duelo entre os tamborzeiros, surgem de forma mágica um galo e um gato preto, animais comumente associados à feitiçaria. Cabe destacar que essa cena transcorre durante uma festa religiosa da igreja católica e é resultado do poder de grupos de tocadores de tambor que integram a cerimônia da Festa do Rosário. Assim, integrantes de uma festa religiosa atuam com poderes que poderiam também ser caracterizados como profanos.

É interessante perceber que, no Brasil, os africanos que detinham conhecimentos considerados mágicos foram temidos pelos senhores brancos durante o período da escravidão. Marcia Amantino, no texto "Caxambu, cateretê e feitiçaria entre os escravos do Rio de Janeiro e Minas Gerais no século XIX", observa esse temor e chama a atenção para o fato de que, muitas vezes, esses poderes dos africanos funcionavam como um instrumento de resistência ao sistema escravista.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> AMANTINO. Caxambu, cateretê e feitiçaria entre os escravos do Rio de Janeiro e Minas Gerais no século XIX, p. 273-275.

Por causa desse temor provocado pelas ações desses especialistas da magia, os negros africanos detentores de conhecimentos tradicionais parecem ter sido todos definidos no Brasil como feiticeiros, portadores de poderes geralmente caracterizados de maneira negativa. A caracterização desses poderes de forma negativa pode ser observada nas próprias *Histórias de sabidos*.

No entrecruzamento de funções e ações, o título dessa coletânea decidiu por designar esses africanos detentores de conhecimentos e poderes tradicionais como *sabidos*. A designação destes como *feiticeiro*, por exemplo, acabaria por inscrever junto a esses personagens a simbologia negativa que acompanha a figura do feiticeiro.

Desse modo, sabido torna-se aquele que consegue fugir da escravidão ao entoar uma palavra, que conhece o segredo das plantas, que faz surgir do tambor ou do vento um gato preto, que ressuscita um morto ou que provoca o temor do senhor branco.

*Josiley Francisco de Souza*

## Referências

ALTUNA, Raúl Ruiz de Asúa. *Cultura tradicional banto*. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.

AMANTINO, Marcia. Caxambu, cateretê e feitiçaria entre os escravos do Rio de Janeiro e Minas Gerais no século XIX. In: PAIVA, Eduardo França; IVO, Isanara Pereira (Org.). *Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH-UFMG; Vitória da Conquista: Edunesb, 2008.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Os falares africanos na Bahia*: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

## Juãozim e Pena Verde

Diz que tinha um casal que tinha três fias: u'a pur nome Pena Verde, u'a pur nome Pena Amarela, ota pur nome Pena Azul. E diz que Pena Verde era a mais bunita que tinha das três irmã. Aí que certos tempo, chegô um rapais na casa desse povo, pur nome Juãozim. Aí qu'ele ficô pur'ali, ficô mais esse, ficô cum esse, ficô, ficô, e namorano cum Pena Verde iscundido. Quando foi um dia ele pidiu a mão de Pena Verde em casamento. Aí o véi falô co'ele qu'ele casava cum Pena Verde, mas dipois qu'ele fazesse um sirviço pa ele.

E a madrinha de Pena Verde diz qu'era No'Sinhora, e a véia mãe de Pena Verd'diz qu'era feticera. Aí, o véi marcô u'a roça po Juãozim roçá, quemá, plantá e dá ele os mantimento tudo num dia só, coitadim, e deu pa el'um macha'de metal. Ele falô: "Minha No'Sinhora!" O qu'é qu'ele vai fazê?

Diz qu'ele foi p'essa roça, fazê essa roça. Aí, quand'ele deu a primera machadada na plantação, diz que o machadim virô o corte lá po

lad'ó cabo. Ele pegô um facão e disintortô o machadim. Aí ele foi e largô pa lá, falô: "Ah! Eu num cunsigo não...". Dexô e sentô dibaxo du'a moita.

Aí diz que Pena Verde chegô co'ó almoço pa ele, falô:

– Mais Juãozim, Juãozim, cê num já feis nada!

Aí ele falô `sim:

– Mas cumé que fais, Pena Verde, cê qué vê?

Aí foi lá, deu ota machadada, o machadim virô. Ela falô `sim:

– Ó, deita. Com'e deit'aqui – no colo dela – e vai durmi.

Aí qu'ele cumeu a cumida, deitô e `garrô no sono. Aí ela `cordô ele, quand'ela `cordô ele, os mantimento tava tudo separado, culhido, tudo quant'é qualidade de mantimento. Aí ela vortô e fo'imbora, e ele ficô lá.

Ficô, ficô, ficô, quando foi iscurecen'ele ve'imbora. Falô c'ó véi:

– Ô véi, a impreitada tá pronta.

Aí o véi foi lá vê, tava pronta. Era treis impreitada. Aí ele falô `sim:

– Ó, a sigunda impreitada: cê vai naquele tanque, tir'a água daquele tanque, toda c'ó dedal, separa tudo quant'é qualidade de pexe.

Diz qu'ele chegô e metê'o dedal nesse tanque: só tiran'água, só tiran'água, só tiran'água... Quando Pena Verde chegô, ele num `inda tinha tirado duas lata d'água do tanque. Aí qu'ela falô:

– Mais Juãozim, Juãozim, cê `inda tá desse jeito!

Aí qu'ele falô:

– Cumé que num tá, Pena Verde?! Pois num dá rendimento não!

Aí qu'ela falô 'sim:

– Com'ê deita – no colo dela.

Aí ele cumeu, deitô no colo dela. Quand'ele 'sustô, os peixe tava tudo separado as qualidade. Aí ela ve'imbora. Aí a véia, dibaxo da casa – e Pena Verde chegô – a véia ficô 'sim meia discunfiada c'ô Pena Verde. Quando foi iscreceno, ele chegô, falô:

– Pronto, véi, tá pronta a empreitada.

Quando foi de noite, a véia falô 'sim:

– Ô véi, isso é sirviço de Pena Verde.

Aí o véi falô:

– Vô vê se é sirviço dela. E de noite, e amanhã, ela num vai levá cumida pa ele, ele tem que cumê aqui. Eu vô mandá ele juntá os animal da fazenda tudo, e dá ele aquele burro preto pra muntá.

Quando foi de noite, ela foi no quarto de Juãozim e falô 'sim:

– Ô Juãozim, ó: meu pai vai mandá cê muntá num burrim preto, pa juntá tudo quant'ê qualidade de animal que tivé na fazenda: cego, alejado, são, duente... E o burrim vai sê meu pai, e minha mãe vai fazê do meu pai o capeta. E ocê bate no meu pai pa valê, cê po' batê nele de laço e de pau, até ele urrá treis veis. À hora qu'ele urrá treis veis ele 'caba o incanto.

E o burro era cego, do jeito do véi. Aí já sabia, quando foi ced'ele pegô esse burrim preto, arriô e muntô. Diz que o burrim saiu saltano co'ele tudo quant'era chapada, e saltava. E diz qu'ele meteu a laça nele, meteu a laça nele, meteu a laça nele, até esse burrim urrô. Urrô treis veis, o burrim já num tava 'guentano subi os topo, cansado. Aí ele juntô tudo quanto foi animal e pôs no curral. Aí Pena Verde falô co'ele, falô 'sim:

– Ô Juãozim, minha mãe num vai dexá nós fugi, num vai dexá nós casá não. Eu vô fazê treis buneca, vô cuspi na boca das treis buneca, e nós vai fugi meia-noite. Cê vai lá na manga de madrugada, peg'o cavalo mais magro que tivé e trais.

Tinha um cavalo pur nome de Ventania e tinha otro pur nome Relâmpago. O Ventania era o gordo, Relâmpago era o magrim. Aí ele foi. Chegô lá, diz qu'incontrô os dois cavalo, um magrim e o gordo, ele falô 'sim: "Esse seco num 'guenta nós. Esse seco num 'guenta nós dois não, vô pegá esse gordo". E pegô o tal de Ventania. Aí ele falô:

– Eu truxe o cavalo, Pena Verde.

Quand'ela foi vê, falô:

– Ô Juãozim, num era esse não, era Relâmpago, era o mais magro. Mas cê já troxe esse, vão 'bora.

Aí ela fo'e 'panhô treis dedal de sal, treis dedal de alfinete e treis dedal de cinza. Falô:

– Vão `bora, Juãozim.

Aí qu'ês muntaro nesse cavalo e for'imbora. Quando foi bem mais tarde da noite, e a véia falô `sim:

– Véi, véi, Pena Verde num tá aí não.

Aí o véi:

– Dixa de sê besta, muié! Quand'é que Pena Verde sai u'a hora dessa? Ela nunca saiu.

Aí diz qu'ele chamô:

– Pena Amarela!

A moça respondeu:

– Sinhô, meu pai!

– Pena Azul!

– Sinhô, meu pai!

– Pena Verde!

U'a bonequinha respondeu:

– Sinhô, meu pai!

Aí Pena Verde pôs'ovido no chão, falô `sim:

– Ô Juãozim, minha mãe já feis u'a boneca falá, só tem duas.

Vão `bora.

E ês rompero, rompero, rompero, muntado nesse cavalo. Quando foi mais tarde, a véia tornô a falá:

– Véi, véi, Pena Verde num tá aí não.

Aí o véi tornô a chamá:

– Pena Amarela!

– Sinhô, meu pai!

– Pena Azul!

– Sinhô, meu pai!

– Pena Verde!

A ota bonequinha:

– Sinhô, meu pai!

Ficô u'a. El' vai, el' vai, el' vai, el' vai, el' vai, el' vai... Aí a véia tornô a falá:

– Véi, véi, Pena Verde num tá aí não.

O véi tornô a chamá as moça:

– Pena Amarela!

– Sinhô, meu pai!

– Pena Azul!

– Sinhô, meu pai!

– Pena Verde!

A ota bonequinha:

– Sinhô, meu pai!

Rompero. Quando foi o dia já 'mãiceno, a véia:

– Véi, véi, Pena Verde num tá aí não...

Aí o véi pôs'a boca no mundo:

– Pena Amarela!

– Sinhô, meu pai!

– Pena Azul!

– Sinhô, meu pai!

– Pena Verde!

Nada. Tornô a chamá Pena Verde, nada. Chamô treis veis, Pena Verde num respondeu. Aí a véia falô `sim:

– Ela fugiu c'ó Juãozim. Peg'ó cavalo e vai atrásis.

Aí o véi foi na manga e pegô o Relâmpago. E fo'imbora atrásis de Pena Verde. El' vai, el' vai, el' vai, el' vai, el' vai, el' vai... Aí Pena Verde pôs'ovido no chão, falô:

– Ô Juãozim, evém meu pai. Mais fais isso: eu viro a Santa, cê vir'ó padre, e o cavalo vir'a igreja. Meu pai passa perguntano pur nós, cê fala: "Dobr'os ovido, pa casamento é mil réis, batizado é tustão".

Aí eles virô o padre, e a igreja, e a Santa. Aí o véi chegô, falô:– Ô Seu Vigário, sinhô num viu passano u'a moça'qui mais um rapais muntado num cavalo `sim, assim e assim não?

Ele falô `sim:

– Dobr'os ovido, pa casamento é mil réis, batizado é tustão.

Ele falô `sim:

– Não sinhô. Ele num tá nem casano nem batizano não. Ele tá perguntano se o sinhô num viu u’a moça passá aqui mais um rapais.

Juãozim tornô a respondê:

– Dobr’os ovido, pa casamento é mil réis, batizado é tustão.

Aí ele vortô, o véi vortô. Chegô em casa:

– Cadê, véi?

Aí o véi falô:

– Ora, véia, eu perguntei um padre se ele num viu Pena Verde passá lá mais Juãozim, o padre me respondeu que: “Dobr’os ovido, pa casamento é mil réis, batizado é tustão”.

Aí a véia falô `sim:

– Ó, o padre era Juãozim, a igreja era o cavalo, e a Santa era Pena Verde. Vai atrás.

Aí o véi vortô. Quando tava pega-num-pegas, Pena Verde falô `sim:

– Ô Juãozim: eu vir’a rosa, Ventania vir’o pé da rosa e ocê vir’o beja-flô. E ocê num dexa meu pai passá não. S’ele vim pa passá, cê pinic’ele.

Aí, na mema d’ora, virô esses bicho. E evém o véi, qu’evém danado muntado no Relâmpago. E Juãozim pinican’esse véi, pinican’esse véi, o véi risistiu até ele acertô o ôi do véi. Furô o ôi do véi, o véi vortô.

Aí a véia:

– Cadê, véi?!

Aí ele zangô:

– Ora “cadê, véi!” Olh’a situação qu’ele tá: cego.

Aí ela falô `sim:

– Quem te cegô foi Juãozim. Quem vai atrás dêz agora é ieu.

Aí a véia passô a perna nesse caval’e foi atrás de Juãozim. Aí Pena Verde pôs’ovido no chão e falô `sim:

– Eh, Juãozim, quem vem atrás de nós agora é minha mãe, e minha mãe é dura! Mais vão `bora.

Aí, quando tava pega-num-pega, diz que Pena Verde jugô o dedal de cinza, e só virô aquele fumacero no mundo, num via nada. Diz qu’essa véia foi tentano, foi tentano, foi tentano, foi tentano, até que conseguiu passá. Aí Pena Verde falô:

– Juãozim, minha mãe passô, ma’ vão `bora.

Rompeu, rompeu, rompeu... Quando tava pega-num-pega, diz qu’ela jogô o dedal de alfinete. Virô só ispipim, e nem pensamento pas-sava. Aí diz qu’essa véia socô esse cavalo em cima, él’ vai, él’ vai, él’ vai... él’ vai até conseguiu passá de novo. Aí ela falô:

– Eh, Juãozim, só tem o sal. Mas de Deus virá um remédio. Vão `bora.

Aí quand'a véia tava pega-num-pega co'es, diz que ela jugô o dedalzim de sal. Virô aquel'água sem fim. Diz que a véia socava esse cavalo pa passá até no mei', vortava. Tentô treis veis, num conseguiu passá, aí ela sentô em cima du'a pedra, e falô `sim:

– Eh, Juãozim, pode sentá aí que minha mãe num passa mais não.

Aí que a véia falô cum Pena Verde:

– Eh, Pena Verde, assim como cê perdeu o amor dela, um dia cê há de perdê o de Juãozim tamém.

Aqui memo ela vortô, e Pena Verde siguiu mais Juãozim. Chegô lá `diante, Juãozim, muito saído, causa que Pena Verde era muito bonita, falô pa Pena Verde:

– Agora cê fica aí em cima dessa pedra; ieu vô na cidade buscá u'a carruage, um vistuário procê. E cê num pode apresentá pra minha mãe desse jeito não.

Aí diz que Pena Verde falô:

– Ô Juãozim, ó, mais cê tem cuidado, cê num dexa ninguém seu te bejá nem do lado direito e nem do isquerdo. E nem gente istranha tamém.

Aí qu'ele falô:

– Tá certo.

Aí que Juãozim foi, tinha muitos ano que Juãozim tinha desaparecido da cidade. Aí que um pega Juãozim daqui, pega Juãozim dacolá, ele tirano o povo dum lado, tirano o povo d'oto, diz que vei u'a namorada dele qu'ele dexô, e abraçô ele e bejô ele: ele isqueceu de Pena Verde, nem alembrava de Pena Verde mais. E ficô, ficô, ficô, ficô, e todo mundo cunhicia Juãozim. Ficô Juãozim tempos e Pena Verde isperano pur ele.

Aí Juãozim já tinha tratado casamento, co'a otra moça. Aí Pena Verde foi e desceu pa cidade, Pena Verde foi e desceu pa cidade. Aí qu'ia passano um moço c'um papagai, Pena Verde foi e comprô o papagai e foi nu'a sapataria, mandô o sapatero fazê pa ela um chicote e um nego bem gran'de cera. O sapatero falô:

– Pa que a sinhora qué?

Ela falô `sim:

– Não. Purque ieu só insino passo verde falá cum nego de cera e chicote.

Aí diz que feis o chicote pa ela e o negão de cera. Aí qu'ela rompeu. Chegô n'ota rua, ela falô `sim:

– Ô, o sinhô sabe informá ondé que mora um Juãozim, que há muito tempo desapareceu daqui da cidade? Ele tava trabaiano po pai dela, e ele ve'imbora sem o pai dela acertá co'ele. E o meu pai mandô

ieu vim trazê um dinheiro agora pa ele, e ele ve'imbora sem ele recebê o pagamento.

Aí o moço falô `sim:

– Sei, ele vai até casado, já treis dia.

Aí qu'ela falô:

– O sinhô pode me levá lá?

Diz qu'ele falô:

– Posso.

Mandô um meninozim levá.

Aí diz que levô Pena Verde na casa do própio Juãozim. Chegô lá, tava ele sentado mais a noiva dele, aí qu'ela falô `sim:

– O sinhô dá licença ieu pô meu papagai pa falá?

Diz que a namorada dele falô `sim:

– Pó pô, qu'ele gosta mui'de vê papagai falá.

E diz que Pena Verde foi e falô `sim:

– Ô papagai, ocê alembra daquela veis que ocê pidiu o casamento po meu pai, meu pai falô cumigo que ocê só casava cumigo dipois que ocê fazesse treis impreitada pa ele?

Aí diz que o papagai véi pensô e falô `sim:

– Num me lembro, num me lembro...

Aí diz qu'ela meteu o chicote no negão de cera. Aí ela falô `sim:

– Ora, papagai, mas cê alembra da veis que meu pai mandô'cê fazê a roça, ieu cheguei lá, ocê num deve tê derrubado nenhum pé de pau, ieu levei sua cumida, mandei cê cumê, deitá ni meu colo, quando cê levantô os mantimento tava tudo coído?

Ele falô `sim:

– Não. Num me lembro, num me lembro...

Aí ela falô `sim – e ela mete'ó chicote no nego –, ela falô:

– Mais, ô papagai, mais cê alembra da veis que meu pai mandô'cê tirá água do tanque todinha c'ó dedal, separá tudo quant'é qualidade de peixe, quand'eu cheguei lá cê num `inda tinha feito nada? Cheguei, cê cumeu, durmiu, quando cê acordô os trem já tava tudo no jeito?

– Num me lembro, num me lembro...

Ela, chicote no nego. Ela falô:

– Ô papagai, mas cê alembra da última impreitada? Eu avisei procê, falei: “Ô papagai, cê vai muntá ni meu pai, qu'é procê fazê assim, assim e assim, até meu pai urrá treis veis?” E Juãozim mais a noiva incostado, iscutano, e rino...

Aí qu'ele falô `sim:

– Num me lembro, num me lembro, num me lembro.

Aí ela falô:

– Ô papagai, mais cê alembra o dia que foi pa nós fugi, eu mandei cê pegá o cavalo mais magro que tinha, cê foi e pegô o mais gordo? Meu pai vei atrás de nós, ocê virô o padre, eu virei a Santa, o cavalo virô a igreja... meu pai perguntô pur nós, cê falô: "Dobr'os ovido, pa casamento é mil réis, batizado é tustão"?

Ele falô `sim:

– Num me lembro, num me lembro...

E ela, chicote no nego, chicote no nego. Ela falô `sim:

– Ô papagai, mais cê alembra a última veis que meu pai vei atrás de nós: eu virei a rosa, ocê virô o beja-flô, e o cavalo virô o pé da rosa? Cê pelejô, até furô o ôi do meu pai?

Aí qu'ele falô `sim:

– Num me lembro, num me lembro, num me lembro...

Ela pensô, dexô ele discansá um poquim... ficô, ficô, ficô... Aí ela bateu nele, no negão, tornô a batê no nego de cera. Aí falô:

– Mais, ô papagai, cê alembra que minha mãe vei atrás de nós, eu joguei o dedal de cinza, minha mãe passô; joguei o dedal de alfinete, minha mãe passô; joguei o dedal de sal, minha mãe num passô, vortô pa trás e falô que `sim com'eu perdi o amor dela, um dia cê ia perdê o meu também?

Diz qu'esse papagai ficô foi horas pa respondê. Ficô, ficô, ficô, ficô, aí ela falô:

– Hein, papagai, cê alembra?

Mas'ó papagai sacudiu a cabeça e falô 'sim:

– Tô quase me alebrano, tô quase me alebrano...

Aí ela bateu no negão drobado do qu'ela tava bateno. Nes'ora qu'ela bateu nele, que o papagai falô que lembrava, Juãozim já 'fastô um poquim da moça, diz que já num ficô mais perto da moça. Aí ela falô:

– Ô papagai, mais cê alembra que ocê me dexô em cima du'a pedra e falô pa mim: "Ô Pena Verde, cê fica aí qu'eu vô buscá u'a caruage, um vistuário procê, que cê num pode apresentá meu povo desse jeito", qu'eu falei 'sim: "Ô papagaio, ocê num dexa ninguém seu te abraçá e nem te bejá nem do lado direito e nem do isquerdo"?

Diz que o papagai, o papagai pensô, pensô, pensô... Aí que o papagai falô 'sim:

– Já me lembro, já me lembro.

Aí qu'ela bateu no nego. Quand'ela acabô de batê no nego, que Juãozim vortô, levantô e abraçô co'ela, e falô co'a otra moça:

– Minha namorada é essa daqui.

Aí que já mandô ajeitá o casamento. Mandô fazê o vistuário pa Pena Verde, foi apresentá Pena Verde pos pai dele, e diz que a ota suicidô

ela mema. Diz, eu num sei não, é o povo que fala. Diz que a ota suicidô ela mema, e que Juãozim tá vivo feliz mais Pena Verde até hoje. Diz que teve muita festa, mais eu num sei... qu'eu num fui... num participei dessa festa. Eu vejo é o povo falá, de caso de dia no assado, mais eu num vô na festa, porque eu contei isso não. Entro na perna do pinto, a perna do pato, diz que o rei mandô falá que se ês queresse mais contasse ao menos quato. Só qu'eu num vô falá mais...

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Silvânio em Rubim, 1989, gravada por Reinaldo Martiniano Marques. Extraída de: SOUZA, Josiley. *Negros pelo vale*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. (Edições Viva Voz). p. 83-92.

# Joãozinho e Pena Verde

Transcrição de Milena Ariele Borges

Era uma vez um casal que tinha três filhas muito bonitas. Uma se chamava Pena Amarela, a outra Pena Azul e a terceira tinha o nome de Pena Verde. Das três moças, a Pena Verde tinha sido ainda mais agraciada com a beleza, pois era a mais bela das três irmãs.

Certo dia um rapaz chamado Joãozinho, que estava de passagem por aquele povoado, parou na casa dessa família para beber água e conheceu Pena Verde. O tempo passou e nada de Joãozinho ir embora, foi ficando pelas proximidades do povoado e começou a namorar escondido com a mais bela moça. Não demorou muito e Joãozinho pediu a mão dela em casamento. Porém os pais da moça não gostaram muito da história, pois tinham um carinho muito grande pela filha e achavam que ela era muito nova para se casar. Então, para que Joãozinho provasse que merecia se casar com Pena Verde, o pai dela lhe disse que só permitiria o casamento depois que ele concluísse três serviços. Entregou

então a Joãozinho um machado de metal e marcou uma roça para ele roçar, queimar, plantar e levar para casa os mantimentos no final do dia. O coitadinho estava desesperado, mas o que ainda não sabia era que a mãe de Pena Verde era feiticeira e a madrinha era Nossa Senhora, e por isso Pena Verde havia aprendido e herdado alguns dons da família.

Sem questionar, Joãozinho pegou o machado e foi para a roça. Quando deu a primeira machadada na plantação, o machado virou o corte para o lado do cabo. Ele, então, pegou um facão e desentortou o machado, mas logo sentou em baixo de uma moita, largou o machado de lado e pensou “Ah, eu não consigo não...” Passados alguns minutos, Pena Verde chegou com o almoço para ele e, surpresa com a roça, que ainda estava do mesmo jeito, falou a Joãozinho:

– Joãozinho, você ainda não fez nada?

Ele em seguida respondeu:

– Está difícil, Pena Verde. Quer ver?

Para demonstrar a ela que não era má vontade, foi lá, deu outra machadada e o machado entortou novamente. Ela, comovida com a situação, disse:

– Almoça e deita aqui no meu colo para descansar.

Ele comeu o almoço que ela havia levado, deitou no colo dela e logo chegou o sono. Após alguns minutos ela o acordou e então ele viu

que os mantimentos estavam todos colhidos e separados. Ela voltou para casa e ele ficou aguardando o final do dia para levar os mantimentos ao sogro e dizer com orgulho que o trabalho já estava pronto.

Quando o dia começou a escurecer, assim ele fez. Pegou tudo, foi até a casa do pai de Pena Verde e disse:

– Senhor, a empreitada está pronta.

O pai de Pena Verde olhou e verificou que estava mesmo pronto o primeiro trabalho. Entretanto, eram três empreitadas e ainda faltavam duas. Ele logo disse a Joãozinho:

– Tudo bem. A segunda empreitada é para você ir até o tanque e tirar a água toda com o dedal, depois você separa todos os peixes por qualidade.

Joãozinho esperou o dia amanhecer e, sem perder tempo, foi logo ao tanque para começar a segunda empreitada. Chegou, colocou o dedal no tanque e começou o trabalho: tirava água e mais água. Quando Pena Verde chegou com o almoço, não tinha enchido nem duas latas d'água do tanque. Ela chegou e disse:

– Mas Joãozinho... Você ainda está desse jeito?

Ele respondeu:

– Como não, Pena Verde? O serviço não rende!

Pena Verde, já desconfiada de que o pai estava tentando atrasar seu casamento, pediu a Joãozinho para comer e deitar em seu colo novamente para descansar. Assim ele fez: comeu, deitou no colo dela e quando assustou os peixes já estavam todos separados por qualidade e ela logo foi embora. Ao chegar em casa, a mãe de Pena Verde ficou meio desconfiada de vê-la chegando tão contente, mas não falou nada.

O dia foi escurecendo, Joãozinho chegou à casa do sogro e entregou a ele a segunda empreitada pronta.

A mãe, mais desconfiada ainda da agilidade de Joãozinho e da alegria de Pena Verde, disse ao marido:

– Estou achando que isso é serviço de Pena Verde.

O pai, que estava também surpreso com a agilidade de Joãozinho, resolveu proibir a filha de ir levar almoço a ele no dia seguinte. Delegou a terceira empreitada e aproveitou para dizer que ele iria almoçar na casa deles no outro dia; portanto, Pena Verde não precisaria levar o almoço.

Pena Verde não sabia o que fazer. Pensou, pensou e achou melhor contar tudo a Joãozinho. Foi ao quarto dele escondido durante a noite e disse:

– Joãozinho, meu pai vai mandar você montar em um burrinho preto para juntar todas as qualidades de animais que tiverem na fazenda: cego, aleijado, são e doente. O burrinho será meu pai enfeitado pela

minha mãe, então estará bravo feito o cão. Você precisa bater nele forte até ele urrar três vezes. Quando ele urrar o encanto acaba.

Joãozinho ouviu atento as orientações de Pena Verde e saiu no outro dia cedo para fazer a terceira empreitada. Como já sabia que não seria fácil, ele pegou o burrinho preto, arreou e montou. O burro já saiu saltando com ele e então ele resolveu seguir os conselhos que tinha ouvido de Pena Verde na noite anterior: chicoteou forte o burro, o burrinho urrou três vezes e o encanto se quebrou. O animal ficou manso e Joãozinho conseguiu juntar todos os animais e colocá-los no curral.

Após o final da terceira empreitada, Joãozinho deitou embaixo de uma árvore, cansado e satisfeito por ter terminado todo o trabalho. Após alguns minutos viu Pena Verde se aproximar com uma expressão de preocupação no rosto. Ela chegou e disse a ele que havia ouvido uma conversa dos pais e que eles estavam dispostos a não permitir o casamento. Diante disso Pena Verde resolveu fugir com Joãozinho. Orientou-o a ir à manga de madrugada e pegar o cavalo mais magro para eles fugirem; ela, por sua vez, fez três bonecas e cuspiu na boca das três para que reproduzissem o som da sua voz quando alguém chamasse por ela.

Joãozinho assim fez. Seguiu novamente as orientações de Pena Verde e foi à manga de madrugada buscar um cavalo para fugirem. Ao chegar lá viu que tinha dois cavalos, um gordo e um magro. Ele se

lembrou que Pena Verde havia dito para pegar o cavalo mais magro, mas achou melhor levar o gordo, pois pensou que o magro não iria aguentar os dois montados para fugir.

Antes de sair, Pena Verde pegou três pitadas de sal, três potes de alfinete e três pitadas de cinza. Eles montaram no cavalo e foram embora.

Ao escurecer mais um pouco, a mãe de Pena Verde percebeu a falta da filha e disse:

– Vêi, Pena Verde não está aí não.

O pai não acreditou na suposição da esposa e disse-lhe que Pena Verde não saia de casa uma hora daquelas, pois não tinha esse costume, mas para verificar e deixar a mulher mais tranquila, o pai chamou as duas outras filhas e elas responderam, ao chamar Pena Verde, a bonequinha em que ela havia cuspidido disse:

– Sim, meu pai!

O pai e a mãe acreditaram que ela estava em casa e nesse momento Pena Verde colocou o ouvido no chão e disse:

– Joãozinho, minha mãe já fez uma boneca falar, faltam somente duas agora. Vamos correr!

Eles correram mais com o cavalo e quando foi mais tarde Pena Verde colocou o ouvido no chão novamente e ouviu que o pai havia chamado por ela de novo e, então, a segunda bonequinha já tinha respondido.

Eles correram mais e mais e pouco tempo depois Pena Verde ouviu o pai chamar a última bonequinha, que respondeu:

– Sim, meu pai.

Ao amanhecer, o pai chamou por Pena Verde e nada. Chamou novamente e nada, chamou três vezes e Pena Verde não respondeu. Então a mãe concluiu:

– Ela fugiu com Joãozinho. Pega o cavalo e vai atrás.

O pai de Pena Verde foi ao curral e pegou o cavalo magro, que por sua vez corria mais do que o gordo, em que estavam Joãozinho e Pena Verde. Ele correu, correu, correu. Pouco tempo depois Pena Verde colocou o ouvido no chão e percebeu que seu pai estava quase os alcançando. Falou a Joãozinho:

– Ó Joãozinho, meu pai está vindo, mas vamos fazer o seguinte: eu me disfarço de santa, você de padre e o cavalo de igreja. Se meu pai perguntar por nós você só responde o seguinte: “Dobra os ouvidos, para casamento é mil réis e batizado é tostão”.

E assim aconteceu. Pena Verde virou a santa, Joãozinho virou o padre e o cavalo se transformou em igreja. Quando o pai se aproximou, perguntou ao vigário se ele não havia visto uma moça e um rapaz passando montados em um cavalo. O Joãozinho, disfarçado de vigário, respondeu conforme as orientações de Pena Verde:

– Dobra os ouvidos, para casamento é mil réis, batizado é tostão.

O pai explicou que não estava casando e nem batizando, que queria somente saber se ele não tinha visto uma moça e um rapaz passarem montados num cavalo, e Joãozinho tornou a dizer a mesma coisa.

O pai, irritado, voltou para casa e contou à mulher o que tinha ocorrido. A mulher logo supôs que era apenas um disfarce de Pena Verde e fez o marido voltar a procurá-los. O pai voltou à busca da filha e, dessa vez, Joãozinho, Pena Verde e o cavalo se disfarçaram de rosa, pé da rosa e beija-flor. O pai se aproximava e Pena Verde e Joãozinho iam, disfarçados, beliscando o pai. Beliscaram tanto até furar o olho dele e ele ficar cego. O pai retornou a casa. Quando a mulher perguntou, ele bravamente respondeu que agora estava cego e ela, esperta como era, concluiu que quem tinha cegado o marido era Joãozinho e então resolveu ela própria ir atrás da filha.

Dessa vez Pena Verde colocou o ouvido no chão e viu que era a mãe que vinha atrás deles e se preocupou, pois a mãe era mais difícil de ser enganada. Correram mais e mais para não serem alcançados. Quando estavam próximos de serem pegos pela mãe, Pena Verde jogou as pitadas de cinza e tudo ficou escuro. A mãe, relutante, conseguiu passar. Logo em seguida Pena Verde jogou o pote de alfinetes e tudo virou espinhos. A mãe não se abalou e também conseguiu passar em meio a

todos esses espinhos com o cavalo. Pena Verde jogou então as pitadas de sal e tudo virou águas sem fim. A mãe colocava o cavalo, ia em frente e o cavalo voltava. Tentou três vezes e não conseguiu passar, sentou-se em uma pedra para descansar e então falou aos dois:

– Eh, Pena Verde, assim como você perdeu o amor da família, um dia irá perder o de Joãozinho também.

Nesse momento ela desistiu da filha, voltou para casa e Pena Verde seguiu com Joãozinho.

Mais adiante Joãozinho disse a Pena Verde para esperá-lo em cima de uma pedra, pois ele ia à cidade buscar uma carruagem e algumas roupas para ela. Pena Verde era muito bonita e ele não queria que ela se apresentasse feia à família dele.

Pena Verde respondeu:

– Tá bom Joãozinho, mas você tenha cuidado, não deixe ninguém seu te beijar nem do lado direito e nem do esquerdo. E nem gente estranha também.

Ele concordou com ela e seguiu viagem à cidade para buscar as vestimentas e a carruagem. Havia muitos anos que ele tinha sumido daquelas terras; então, quando reencontrou com as pessoas, foram muitos beijos e abraços. O povo abraçava Joãozinho e ele ia se afastando para não desobedecer às recomendações de Pena Verde, até que chegou

uma ex-namorada dele e o abraçou e beijou. Pena Verde ainda esperava por ele e ele se esqueceu dela. Ficou na cidade por muito tempo e marcou casamento com a moça que o beijou.

Certo dia Pena Verde resolveu ir atrás dele. Ao chegar, viu um moço passando com um papagaio e comprou o papagaio, foi a uma sapataria e pediu ao homem para fazer um chicote e um negro bem grande de cera para ela. O sapateiro não entendeu muito bem o pedido, mas fez e entregou a ela. Seguiu caminho e, ao chegar à outra rua, perguntou para um senhor se ele sabia de Joãozinho, um rapaz que há muito tempo tinha desaparecido da cidade. Para obter informações sobre ele, Pena Verde inventou que ele estava trabalhando para o pai dela e que tinha vindo embora sem pegar o dinheiro do serviço, portanto ela tinha ido até lá somente para entregar o pagamento a ele. O moço imediatamente respondeu que o conhecia sim:

– Sei, ele vai se casar daqui a três dias.

Pena Verde sentiu raiva e pediu para o moço levá-la até a casa de Joãozinho. Ao chegar, o encontrou sentado com a noiva e pediu licença aos dois para colocar o papagaio para falar.

A namorada de Joãozinho não conhecia Pena Verde e mesmo Joãozinho não se lembrava mais dela. Permitiram que ela colocasse o papagaio para falar e ela começou:

– Ô papagaio, você se lembra daquela vez em que você pediu minha mão em casamento para meu pai e ele falou que você só se casava comigo depois que fizesse três empreitadas para ele?

O papagaio respondeu:

– Não me lembro, não me lembro...

Aí ela chicoteou o negão de cera e continuou a falar:

– Ora, papagaio, mas você se lembra da vez em que meu pai mandou você fazer a roça, eu cheguei e você ainda não tinha feito nada? Eu mandei você comer e deitar no meu colo e quando acordou estava tudo pronto?

O papagaio respondeu que não lembrava, de novo, e ela chicoteou o negão de cera novamente e disse:

– Mas papagaio, você se lembra de uma vez em que meu pai mandou você tirar água do tanque com o dedal e separar todas as qualidades de peixe? Aí, quando eu cheguei lá com seu almoço, você não tinha feito nada; comeu e cochilou e ao acordar estava tudo pronto?

Mais uma vez o papagaio respondeu que não se lembrava e ela continuou a chicotear o negão e a perguntar:

– Papagaio, você não se lembra da última empreitada, que eu te avisei que você ia montar no meu pai bravo e que deveria chicoteá-lo forte até ele urrar três vezes para quebrar o encanto?

Joãozinho e a noiva escutavam e davam gargalhadas, já o papagaio continuava a responder que não se lembrava.

Pena Verde perguntou ao papagaio sobre todos os momentos que ela e Joãozinho viveram e ele respondia que não se lembrava. Joãozinho, por sua vez, somente continuava a rir e também não se lembrou de nenhum momento. Então Pena Verde pensou, deixou o papagaio descansar um pouco, bateu no negão de cera novamente e falou:

– Mas papagaio, você não se lembra que minha mãe veio atrás de nós, eu joguei o pote de alfinete e ela passou, joguei a pitada de sal e ela não conseguiu passar e então falou que do mesmo jeito que eu tinha perdido o amor dela eu iria perder o seu também?

O papagaio ficou horas para responder essa pergunta... pensou, pensou e Pena Verde perguntou novamente:

– Hein, papagaio, você se lembra?

O papagaio sacudiu a cabeça e disse que sim, que estava quase se lembrando. Pena Verde bateu no negão, mais forte do que estava batendo, e antes que batesse novamente o papagaio falou que se lembrava. Nesse momento Joãozinho se afastou um pouco da moça e Pena Verde continuou:

– Papagaio, mas você se lembra também que me deixou em cima de uma pedra e falou que ia à cidade buscar vestimentas e uma

carruagem para eu me apresentar à sua família e eu lhe disse que não deixasse ninguém te abraçar e nem te beijar de nenhum dos lados?

O papagaio pensou, pensou e respondeu que se lembrava sim. Pena Verde bateu no nego novamente e quando acabou de chicotear, Joãozinho levantou e abraçou-a fortemente. Virou para a outra moça e disse:

– Minha namorada é essa daqui.

Pena Verde e Joãozinho logo mandaram ajeitar o casamento. Ele mandou fazer o vestuário para ela e a levou para apresentar aos seus pais. No casamento teve muita festa. A outra moça não aguentou a decepção e suicidou-se. Já Joãozinho e Pena Verde vivem felizes até hoje.

## Juão Tomba-Morro

Ixistia um cara pur nome de Juão Tomba-Morro. El'era agigantado. Intão ele gostava muito de `sim... pegá luta co'soto. A vida del'era saí, passia pa cunvidá alguém pa pegá luta cum ele.

Intão ele saiu e pidiu informação onde ele podia incontrá `sim u'a pessoa que quisesse lutá cum ele, `sim pur brincadera, num era pa briga. Informaro ele que no ma' tinha um home que vivia tanto n'água como no seco.

Aí, ele pирguntô:

– Como ele chama?

– Chama Antono, mas é cunhicido pur Marinhero.

Dero ele o nome do porto ond'ele podia gritá `sim muito alto e ele vinha atendê. Ele chegô lá nesse lugá e gritô:

– Ei, Marinhero?! Marinheeeero?!

Foi gritano, gritano. Cum poco ele viu a água burbulhano, num sabe? Quando pariceu lá um home nadano po la'dele. Chegô, cumprimentô e pиргuntô:

– Que que ocê deseja?

– Sabe, eu gostaria de cunvidá ocê, p'ocê pegá u'a luta cumigo.

– É lógico que eu num vô guentá u'a luta c'ocê, porque ocê, um home forte desse jeito e eu sô franzino. Num vô guentá u'a luta co'ocê, mas eu topo, eu topo.

Aí, ele falô:

– Bom, só de você `sim... me serve. Num tô totalmente quereno lutá nem brigá, quiria vê sobre seu ânimo.

Intão será que ocê qué saí cumigo `sim a passiá, ficá `sim uns seis mês, só andano `sim pelo mundo? Cê, ocê num vai gastá nada, eu pago tudo p'ocê, cê num vai gastá nada. É só passiá.

– Eu vô.

Aí ele saiu cum ele.

– Ispere aí qu'eu vô pegá meus documento.

Foi buscá uns documento dele. Daí uns dez, quinze minuto, chega ele e saiu pa passiá... Aí foi pidino informação.

– Será que a gente pode incontrá pur aqui alguém que tem corage de lutá co'a gente?

Informaro ele que tinha u’a cidade que tinha um cara pur nome de Antono e que a profissão dele era trançá, fazê laço de cabresto, essas coisa, intão... chicote. Intão ele foi pa lá. Ele tinha o apilido de Trançadô. Quando ali chega nessa cidade, foi procuran’a casa do moço e pidiu informação, até que incontrô. Intão pirluntô:

– Seu Antono, eu vim aqui pa cunvidá o sinhô, se o sinhô qué pegá u’a luta cumigo? Eu gosto muito de pegá luta. Se o sinhô quisé lutá cumigo um poquim...

Falô `sim:

– Uai! Eu num guento! Eu num vô guentá u’a luta cum sinhô pur-que o sinhô, um home forte desse jeito, né? E eu num vô guentá.

Ele era tão forte que o facão dele passava de cem quilo, num sabe? É, era muito grande. Ele carregava o facão `sim de lado. El’ia imendano `sim cuberta e jogava as cois’ali dento, fazia `quela troxa e jugava nas costa pa carregá, qu’ele era agigantado e quiria muito mesmo, num sabe? Nada chegava pa ele. Carne? Tinha que saí `sim e fazê caça. Andá naquês mata onde tinha anta, esses bicho grande. Fazê carne pa cumê. Aí ele falô `sim:

– Antono, eu num tô totalmente quereno lutá c’ocê. Eu quiria vê o seu ânimo e de u’a veis que ocê tem corage mesmo de saí aí cum a gente. Intão, eu gostaria de cunvidá. Se quisé saí pa passia uns seis

mês, num sei quê, dá u'as vorta po mundo afora, passiano, qu'eu gosto muito de caçada. A gente vai nas mata pa gente caçá.

– Tá muito bem, a gente vai.

Priviniu lá e cum ele, os treis: o Marinheiro, o Trançadô e o Tomba-Morro. Aí foro, viajaro, viajaro. Quando chegaro na mata, o Tomba-Morro falô `sim:

– Agora nós vamo acampá na mata e fazê u'as caça pur aqui, que deve tê muito bicho, que deve tê `té fera aqui: onça, essas coisa.

Aí falô:

– Vô limpá aqui um trecho aqui pa gente acampá.

Limpô e armô barraca lá pa ficá uns dia e quando... fizeram a janta, jantaro e, quando foi notro dia, ele falô `sim:

– Marinheiro, ocê vai ficá aqui pa fazê o almoço pa gente, eu vô c'ó Trançadô pa gente fazê a caça.

– Tá muito bem.

A ispingarda dele, acho que era tão grande que, acho, ele podia entrá den'dela. Intão saíro. Aí o Marinheiro ficô fazeno o almoço. Dipois, aquele tacho chei de cumida. O Tomba-Morro cumia dimais, né? Aí, quando ele tava c'ó almoço pronto, ovio um barulhim `sim nas fôia seca, num sabe? Chap! Chap! Quand'ele oiô, pontô lá u'a cavera, mas num tinha coró nem carne, só tinha osso. Aquela cavera, aquela coisa mais

feia do mundo, perecen'um isquelet'umano. Aí a cavera chegô e cum-primentô ele:

– Bom dia!

Ele disse:

– Bom dia! Quê que a sinhora deseja?

Ela deu u'a risadinha:

– Hi, hi, hi! Eu vim aqui propô um negoço pro sinhô.

E... e... oiano nas panela, né? Se tava cum cumida.

– Vim fazê u'a proposta po sinhô. Vim pegá u'a luta cum sinhô. Se o sinhô me vencê, eu vô imbora, se eu vencê o sinhô, eu como essas cumida.

Falô `sim:

– Muito bem! Bom!

Passô a mão no facão del'e foi à luta cum a cavera. E essa cavera dava cada ossada nele, num sabe? Ele dava facãozada nesses osso, ela sentava os osso nele e lavai, lavai, cum poco a cavera venceu ele. Venceu ele e ele caiu dismaiado, num sabe? Aí, ela foi lá e cumeu o tacho de cumida todo. Aí o Marinhero ficô parado, dismaiado. Quando ele deu con' de si, a cavera, ó! Cascô fora. Quando ele deu pur si, cumeçô fazê ota cumida. Quando o Traçadô e o Tomba-Morro chegaro:

– Uai! Cê num feis cumida inda não?

– Ah! Cês num sabe o que cunteceu aqui. U’a tragédia, sabe? Chegô u’a cavera aqui, propôs e cunversano u’a coisa isquisita que eu nunca vi u’a coisa como aquela. Que lugá isquisitão esse aqui, sabe? Tô assombrado cum iss’aqui. Num dá pa gente ficá num lugá desse, não! Propôs pegá u’a luta cumigo... eu... eu... aceitei. Fui lutá cum ela, ela me venceu. Quand’eu dei con’ de si, ela tinha cumido a cumida toda e já num tava mais aqui, foi `mbora.

Ah! O Tomba-Morro tava mal-sirvido. Falô:

– Amanhã, cê vai cumigo e o Trançadô fica. Que moleza é essa, ocê dexá a cavera cumê a cumida toda?

Aí, noto dia, ele falô:

– O Trançadô vai ficá.

E o Marinheiro saiu pa fazê as caça toda po Tomba-Morro. Naquele períudo qu’ele tava terminano de fazê o almoço, chegô a cavera ota veis. Quand’ele oviu aquele barúio nas fôia seca – chap, chap, chap, chap – a cavera vei `proximano del’e dano aquela risadinha, né?

– Hi, hi, hi, hi, hi!... Bom dia!

– Bom dia! Quê que a sinhora deseja?

– Eh! Eu vim aqui prová u’a proposta cum sinhô. Prová u’a luta cum sinhô. Se eu vencê o sinhô, eu como a panela de cumida e vô imbora e o sinhô fica dismaiado pur aí. Se o sinhô me vencê, eu vô imbora.

Pegô o facão dele e foi lutá cum a cavera. Quando ele dava facão-zada daqui, ela batia osso nele. Ele batia o facão nela e ela batia os osso nele e, quando pens' que não, ele dismaiô tamém, sabe? E ela foi lá e cumeu a cumida toda e fo'imbora. Quando ele acordô, foi fazê ota cumida. No mesmo instante chega o Tomba-Morro mais o Marinhero:

– Vai vê que a tal cavera veio aqui, né?

– Acunteceu a mesma coisa, eu num dei conta, ela cumeu a cumida e fo'imbora.

– Eh, corja de mole! Cês são molerão mesmo! É, amanhã eu vô ficá aqui e ocês vão dá conta de carne pa mim. Eu num vô cumê sem carne, não! Vai fazê caça. Amanhã quem vai fazê o almoço sô eu!

Aí, no oto dia, os dois saiu pa fazê caça e o Tomba-Morro ficô preparano o almoço. Depois qu'ele tinha preparado o almoço, chega... Oviu o barúio na fôia seca aqui: chap, chap, chap! Quand'ele oiô, era a cavera, né? E dano as risadinha:

– Hi, hi, hi!... Bom dia, bom dia!

– Bom dia! Pode chegá pa cá. A sinhora qué lutá, né? Eu quero também.

E logo:

– Vamo lutá. Se a sinhora me vencê, cê come tudo aí, né? Tem pobrema, não!

E passô a mão nesse facão dele. E meteu esse facão nessa cavera... Meteu esse facão e só via lasca de osso avuano. E ela curria, ela baxava num pedaço de osso, soprava e colocava no lugar, num sabe? Éí'era incantada, num sabe? Era u'a moça incantada, tranformava nu'a cavera. Intão, quand'ele batia o facão que caía a lasca lá, ela catava aquilo dipressa e soprava e colava no lugá, num sabe? E ele num tava dan'ela tempo de nada, num sabe? E ela num cunsiagua dá u'a ossada nele. Aí até que foi u'a hora, ele bateu e vuô u'a lasca de osso bem grande, caiu lá longe e ela num teve tempo de i lá pa panhá, num sabe? Ela foi, correu, correu, fo'imbora, num sabe?

Aí ele falô:

– Não! Vem, vem, vem cumê a cumida!

Ela:

– Num quero não! Num quero não!

E fo'imbora. Aí, quando chega o Marinheiro mais o Trançadô:

– Vamo almuçá dipressa e vamo vê dipressa onde foi essa cavera.

Aí, ês almuçaro, pegô as vazia, arrumô tudo ali e jogô dento daquês cubertô ali e jogô aquilo nas costa e saiu. Siguiro. Agora os osso quebrado, num sabe? Saiu pingano sangue, né? Era incantado, né? Aí ês ia siguino os pingo de sangue nas fôia seca. Foi andano, andano bem distancia. Aí incontraro um buraco e ela desceu aquele buraco. Em roda

tava `sim tudo liso, assim... Paracia u`a morada de um bicho, u`a fera, um trem assim. Intão ele sondô ali e falô:

– Olha, eu vô tirá bastante cipó, torcê e imendá esse cipó e vô fazê um canzil, tipo dum canzil e um d`ocês vai descê aqui e vê onde foi essa cavera. Qualqué coisa cê dá sinal no cipó qu`eu puxo novamente.

Foi imendano cipó, imendano, imendano, imendano. Aí feis um canzil e foi soltan`o cipó, soltano os poquim, os poquim e ele desceu. Aí, quando chegô bem distante, quando ele viu lá imbaxo `sim um clarrão e tinha u`a roda `sim tipo de duas naváia, passava `sim pa lá e pa cá e fazia... dexano aquele meio `sim, num sabe? E elas passava `sim em cruza e ficava aquele meio `sim redondo. Aí el`oiô lá imbaxo aquela coisa triste... Aí, claro, num sabe? El`oiô, oiô, sondô bastante e deu o sinal no cipó. Ele puxô ele:

– Quê que é? Cê viu a cavera lá?

– Não! Num vi.

– Quê que cê viu lá?

– Sabe, Tomba-Morro, lá tem um... parece que tem otro mundo lá imbaxo. Parece um otro mundo, num sei, u`a coisa isquisita. Tem u`a campina lá, cê num vê um arvoredado grande, né? De jeito niu. Só vê aquela campina `sim, o mato rasterim. E o lugá é até bonito, mas é aquela solidão! Calado! Aquele negoço triste. E tem u`a roda `sim, lá

num meio, no saí do buraco pa saí imbaxo, tem u'a roda `sim, tipo de duas naváia que passa `sim em cruza `sim e o meio abre `sim, de veis em quando abre.

– Dá pa passá nesse meio?

– Dá. A hora qu'ela formá, fô forman'assim, vê se dá pa saltá, porque se fô passá na hora qu'ela tá fechano, ela cort'a gente. É duas naváia.

Aí ele falô:

– Cê vai saltá lá imbaxo nesse otro lugá e eu vô descê. Dipois eu amarro o cipó num pau aí e vô descê tamém.

Assim ele fez. O Marinhero desceu, saltô. Aí ele puxô o cipó, desceu o Trançadô. O Trançadô saltô também e ele amarrô lá, midiu bem assim a distançã, marrô lá no pau, no cipó, e foi desceno nesse cipó, foi desceno, desceno, aí chegô lá, saltô. Num pode levá as coisa, manutençã dô, dexô tudo pa tráis, a ispingarda, dexô tudo pa tráis.

– Eu quero descubri onde foi essa cavera! Eu nunca vi coisa `sim. Parece incanto! Eu nunca vi osso dá sangue! Isso só pode sê u'a coisa incantada.

Aí ele saltô lá, foi os treis lá, nesse mundo lá. Foro andano, andano... O negoço... tem que andá. Aí, inquanto tinha dia já naquele pingo de sangue, siguiro. Quan'deu a noite, ês já num tava inxergano

mais, ês já tava ovino o cantá de galo, cachorro latino, criação berrano. Aí ês marcô direção assim e for'andano, andano, andano... Tinha istrada, não! Era só aquela campina baxinha. Aí, quand'ês viro u'a casa, já tava de noite. Chegô nessa casa. É! Deu fala. Aí ês oviro u'a voz respondeno. Aí ês gritô:

– Ei de casa!

E u'a voz respondeu:

– Ei de fora, vamo chegá!

Aí chegaro os treis.

– Entra pa cá.

Num veio ninguém. Aí ês entraro. Aí, puxô a cadera, a cadera fastô `sim.

– Vem sentá, senta aí, Juão.

– Não!

– Senta, Antono! Senta, Marinhero!

Aí ês sentaro. Daí a poco vei água pa banhá rosto, vei café. Ês tomaro café cum quitanda, mas num vei ninguém. O Tomba-Morro fazia `sim pa ês.

– O negoço aqui é bom, hein? Incantado!

Trozero água p'ês banhá os pé. Banharo os pé. Aí u'a voz falô:

– Óia, João, seu quarto é aquele, número um; o quarto do Marinheiro é aquele, número dois; e do Trançadô, o número treis. É, cês vão durmi lá, cada um separado. À noite vai aparecê aí uns fantasma. Cês num dá cunfiança. Cuidado, viu? Se assombrá, nada feito, viu?

Era treis moça que quiria casá cum ês, num sabe? Os treis rapais. Aí o Tomba-Morro falô `sim:

– Cuidado, ó! A voz falô que num é pa dá alarme, não! Num tenha medo não, que são coisa fantástica, isso num vai valê nada não! Tudo passa.

– Tá bem.

Quando foi mais tarde, foro deitá. Quando foi mais tarde, chegô um toro de todo tamanho lá no quarto do Marinhero, dano aqués guinada, invistia aqués invistida nele, que dava nele, num sabe? E ele já cumeçô tremê de medo, num sabe? Cumeçô tremê e falô `sim:

– E... sai pa lá! Sai pa lá!

E o toro dava aqués invistida nele, num sabe? Até que o toro desapareceu. Aí apareceu um negão, tipo dum macaco, num sabe? Aquês dente pariceno uns cavaco, num sabe? A boca de fogo e rabo, num sabe? Oreia de macaco e dava... e fazi'assim cum as mão po lado del'assim como quem quiria pegá ele e ele cumeçô a gritá:

– Ai, me acode! Me acode! Me acode, pelo amor de Deus!

E o negão fazi'assim po la'dele, como quem quiria pegá ele, e ele danô a gritá e chorano de medo. Cum poco o negão desapareceu e apareceu u'a serpente, mas de todo tamanho, aquela cobra mais feia do mundo, num sabe? E abria a boca `sim como quem ia pegá ele, num sabe? Ele danô a gritá e correu e bateu na porta quereno saí, num sabe? Aí a cobra desapareceu. Cum poco cumeçô lá no quarto do Trançadô. Ele feis do mesmo jeito, deu alarme do mesmo jeito. Aí o Tomba-Morro falava `sim:

– Cala a boca, pel'amor de Deus, num grita, não!

Mais ês num tinha corage, né? Quando chegô lá no quarto do Tomba-Morro, Tomba-Morro num tava:

– Cês pensa qu'eu tô ligano pa isso? Nem tô `suntano. Num ligo pa isso, não! Tenho medo de nada, não!

Aí passô. Quando foi no oto dia, a voz falô po Juão Tomba-Morro:

– Óia, fala po seus colega que pel'amor de Deus, que aquês fantasma que aparece aí que num vem a sê nada, que num faiss nada cum ês. Num resiste naquilo. No fim tudo vai dá certo p'ocês e cês fic'ái... aqui é tudo incantado. E se ocês resisti, aí vai tudo disincantá, vai tudo ficá bom p'ocês.

– Tá muito bem, eu falo cum ês.

Falô. Quando foi no oto dia, na hora ês deitaro, a voz tornô falá:

– Num têm medo, não, que num vai `cuntecê nada cum cês.

– Não, tá tudo bem. Ninguém vai tê medo, não!

A hora qu'ês deitaro, cum poco vem um tigre, aquela onça mais feia do mundo, num sabe? E vem... vem assim caquele canuado mais firme po lado dele:

– Me acode? Me acode que a onça vai me pegá.

Cum poco a onça desapareceu, vei um lião e ele pôs a boca no mundo a gritá, num sabe? E assim pur diante, num sabe? E foi no quarto do Tomba-Morro e o Tomba-Morro nem ligô. Quando foi noto dia, a voz falô cum Tomba-Morro:

– Pel'amor de Deus, falta só um dia, se ês resistisse essa noite, ainda pode dá certo.

Quando foi no oto dia'cunteceu do mesmo jeito, num sabe? Ês gritaro e dero alarme e o Juão Tomba-Morro nem ligô. Aí a voz vei e falô cum Juão Tomba-Morro:

– Ó, amanhã, na hora de clariá o dia, num vai tê claridade mais. Cês vão ficá aqui no iscuro. Nós somo treis irmã qu'istam'aqui, mais nós num moram'aqui. Meu pai mora lá em cima, naquela parte lá, onde ocês viro a cavera, mas nu'a região mais distante dali, muito distante. Acuntecimento que amanhã nós vão `bora e ocês vão ficá no iscuro. Mais, Juão, eu vô te dá ispêio piqueno, de bolso. Cê guard'ele. Aqui vai

virá um ispinhal! Mas ocê... o seu facão é muito bom, você vai roçano esses ispinhal no escuro p'ocê saí daqui. Quand'ocê tivé cansado e aguniado, ocê pega ess'ispêio e joga pa trás. Ele vai clariá, dá claridade pa frente p'ocê i andano. A hora que suas vista cumeçá zangá novamente, eu vô te dá 'qui um punhado de cinza, ocê joga essa cinza pa frente. O ispêio pa trás e a cinza pa frente, porque cinza vai dá claridade lá no ispêio... Cê joga ela 'sim po á, ela vai dá claridade e o á vira parado. Inquanto ela tivé no á, o pó daquela cinza tá dano claridade p'ocê c'o reflexo do ispêio, até ocê saí daqui.

Falô:

– Tá muito bem.

– E seus colega... Cê que sab'ó que cê fais co'ês.

E ele tava té aqui de raiva dê, num sabe? Aí...

– Adeus, até um dia, Juão.

Dispidiu del'e for'imbora, as treis. Aí, assim ele feis. Dipois qu'elas saíro, aí gritô:

– Marinheiro, vem aqui! Vem aqui! Ondé que cê tá, Marinheiro, ondé que cê tá?

– Tô aqui!

– Vem aqui!

Vei apalpano, apalpano...

– Quêdê? Quêdê ocê? Me dá mão aqui, Marinhero.

Quand’ele pegô na mão dele, passô a mão no facão, ó! E decepô o pescoço dele. Chamô o oto e feis a mema coisa. Num dá nem pa criditá, num sabe? Feis a mema coisa. Decepô o pescoço d’oto e saiu roçano aquel’ispinhão, num sabe? Foi roçano, roçano, roçano no iscuro, ispinhano, pisanano naquês ispim, e foi andano, andano, andano, quando cumeçô ficá aguniado, num sabe? Achô que num tinha... que num saía daquel’ispinhal ma nunca. Aí ele foi, pegô o ispêio e jogô o ispêio pa trás, num sabe? Aí o ispêio clariô pa frente. Ele foi andano, roçano, roçano, roçano até aquela picada! Foi andano, andano... Quand’ele cumeçô a zangá as vista novamente, ele foi, pegô um punhado de cinza e feis com’a moça insinô. Jugô a cinz’assim pa cima. Aí o pó da cinza, c’o reflexo do ispêio lá `tráis, feis claridade pa ele. Ele foi abrino picada, abrino picada, abrino picada até que saiu num pé de u’a barroca, mais aquele barranco mais arto do mundo, num sabe? Num tinha jeito saí daquele camp’ali. E ele já tava tonto de sede, num sabe? É... treis dia já sem bebê água. Aí tinha um poço d’água, assim, no pé dum barranco, mais a água tava mei cristalina, tava mei tremen’assim, num sabe? Ele chegô, mais bebeu água até! Aí, sentô, ficô naquela tristeza, num sabe?

– Com’eu saio daqui? Num tem jeí’d’eu saí daqui! Que qu’eu faço? Mais certamente Deus vai dá um jeito d’eu saí daqui, dessa masmorr’aqui.

Aí, quando foi mei-dia, aí viero treis urubu. Tinha um magro e dois gordo. Aí, era as mema treis cavera, num sabe? E aquela qu'era magra er'a moça que tinha sorte de casá c'ó Tomba-Morro, e as ota qu'era pa casá cus otos dois e num deu certo. Aí a moça tava sintida, que o Tomba-Morro risistiu tudo, né? E ela tinha sorte de casá cu'ele, se bem que num casô. Aí os urubu descero, bebero água e disse assim e falô `sim:

– Ei, Juão, cê qué saí daqui?

Ele falô `sim:

– Cumé que cê sabe qu'eu sô o Juão?

– Cê num é o Juão Tomba-Morro? Cê num é aquele memo que venceu a cavera?

Aí aquele urubu magro falô `sim:

– Cê qué saí daqui, Juão? Vamo saí daqui. Cê mont'aqui nas minhas costa qu'eu vô te tirá daqui. Aqui num tem nada, só tem água procê bebê.

Aí ele falô `sim:

– Eu quero saí daqui.

– Monta aqui nas minhas costa.

Aí el'amuntô nas costa d'urubu magro. E os otos dois urubu mei gordo, inchado... E aí aquelas rampa arta! E el'oiava pa cima, el'oiava pa baxo... Aí, quando chegô nu'a altura, e os oto incostadim, inconstadim

naquele magro. Aí ele fartô cunfiança. Oiô pa cima e viu muita distança, oiô pa baxo, viu muita distança. Falô `sim:

– Esse urubu magro nu’ me guenta me levá, não!

Dali ele foi das costa p’oto, ele levô mão assim no pescoço daquele gordo e mudô pas costa do gordo, e o gordo, ao invesso de fazê verão e levá ele pa cima, feis verão e desceu co’ele e sortô no memo lugá. Aí sortô el’á, vortô e ve’imbora. Aí quando foi n’oto dia mei-dia, desce os treis urubu novamente:

– Ué, Juão, cê num quis i ontem não, né? Cê fartô cunfianç’em mim, né? Óia lá, cuidado, senão cê vai morrê de fom’aqui e sede.

Aí ele falô `sim:

– Não, mais hoj’eu saio daqui.

Aí monto n’urubu magro. Quando chegô `sim no mei da rampa, ele oiô, falô `sim:

– Meu Jesus, que qu’eu faço?

Oiava pa cima, oiava pa baxo, a distança er’a mema. Ele feis mema coisa. Mudô pas costa d’urubu e’urubu gordo desceu e sortô. Foi no terceiro dia, cheg’os urubu, mei-dia, pa bebê água.

Falô:

– Óia, a gente num vamo vortá aqui mais. Cê vai morrê e pobrema seu, viu, Juão? Cê fartô cunfiança, cê pudia tê guentad’a barra. Eu guento te levá lá em cima.

Ele falô `sim:

– Não, pó dexá, hoj’eu saio daqui, se Deus quisé.

Fechô o ôio e amuntô ness’uburu e fechô o ôio, num sabe? E abri’o ôio quand’urubu sortô ele lá.

– Pó descê, Juão!

Sortô el’assim lá nu’a istrada e falô `sim:

– Ó, Juão, ocê num sai daqui, não! E nem vai pegá condução ness’istrada, não! Cê vai saí daqui a pé. Daqui a treis hora, vai chegá aqui treis rulinha. Elas vai cunversá c’ocê.

– Tá muito bem!

– Tudo qu’elas t’insiná, ocê fais do jeito qu’elas t’insiná...

Dispidiro del’e for’imbora. Passô, passar’as treis hora, chega, chegar’as treis rulinha pedresa. Chegô cantano:

– Prruuuum, pruuu! Fogo pagô! Fogo pagô! Prruuu.

– Juão, quê que cê tá fazen’aqui, Juão?

– Juão, cê deve tá cum fome, né, Juão?

Ele falô `sim:

– É, tô cu’ a vontadizinha de cumê. Tô cu’ a pricisãozinha. Tá cum treis dia qu’ eu num como nada.

Aí ela pegô u’ a tuaia, u’ a das treis rulinha pegô u’ a tuaia. Falô `sim:

– Ói, Juão, vô te dá essa tuaia. A hora que ocê tivé cum fome, ocê abr’ela – qu’ela tava dobradinha – cê abr’ela e fala: “Cumpõe, tuaia!” Ela cumpõe tudo que ocê picisá e quisé.

– Tá muito bem.

Aí vei a ota rulinha e falô `sim:

– Toma, trux’ aqui p’ ocê essa varinha. Essa varinha chama varinha de condão. A hora que ocê tivé picisano de dinheiro, ocê bat’ela treis veis assim no chão e fala `sim: “Varinha de condão, ocê me dá dinheiro ô não?” Aí aparece o dinheiro, tanto quant’ ocê quisé e picisá.

– Tá muito bem.

Agradiceu ela. Aí vei u’ a ota e falô `sim:

– Juão, eu truxe p’ ocê u’ a viola. A hora que ocê tivé mais triste da sua vida, ocê vai levá esse dedo nessa viola, que tudo se alegra e ocê vai se alegrá tamém.

Ele falô:

– Tá muito bem.

Agradiceu as rulinha. Elas vuario e for’imbora. Er’as mesma treis cavera e os treis urubu, as treis rulinha. Aí, era incantada, né?

Transformava naquilo que quiria. Intão elas vuario e for'imbora e falô `sim:

– Ocê vai saí aqui à direita. Cê peg'aqui à direita e ocê vai chegá `sim... A hora que ocê viajá uns trint'a quarenta minuto cê vai chegá na cidade. Ocê prigunt'ond'é que mor'ó rei. E ês vai te informá ond'é que mor'ó rei e ocê fica pur ali. Sua namorada tá li, cê vai tê de casá co'ela. Sua namorada tá li. E ocê vai casá, ocê vai sê muito feliz.

– Tá muito bem.

Aí Juão, né?... istranho. Chegô lá, informô:

– Ond'é que mor'ó rei aqui?

Insinar'ele:

– O rei mor'ali naquele palácio ali.

– Tá muito bem.

Ele foi ficô pur ali com'as rulinha insinaro. Ficô fazen'ora pur ali e lá ninguém podia ficá fazen'ora nessa cidade, fazen'ora `sim, porque, né? Principalmente pessoas istranha. Aí dero fé do Juão lá. Aí mandar'investigá o Juão. Donde el'era, procurô os documento dele. Os documento dele era tudo isquisito, né? Num tava sirvino p'ês lá, num sabe? Intão, ês falô `sim:

– Isso pode sê um malandro. Manda prendê `se cara.

E mandaro prendê Juão Tomba-Morro. Aí o Tomba-Morro foi pa prisão sem devê nada, só purque el'era istranho e os documento dele tava mei'squisito – farsificado, né? – p'ês lá. Aí Tomba-Morro entrô den' do cárcere. Aí quando foi à tarde, vei a cumid'ali pa ele. Ele oiô aquela cumida, a cumida muit'isquisita, muito ruim. Aí ele falô `sim:

– Isso é cumida de gente, nada!

Mete' o pé nessas bandeja de cumida e `sparramô cumida pa todo canto, num sabe? Os prisonero lançaro nele pa batê nele, num sabe? Aí ele falô `sim:

– Num bate, não! Eu vô dá cumida p'ocês. Isso num é cumida pa gente não, viu? Isso é cumida pa porco.

Aí pegô a tuaia, abriu a tuaia:

– Cumpõe, tuaia!

Na mema hora, apareceu tanta cumida boa lá, num sabe? Aí...

– Cês pode cumê à vontade!

E a iscrava que vei trazê p'ês a cumida, u'a nigrinha daquelas, fofquera, a língua mei inrolada. Era muito chegada aí na raça da deus'africana. Ela falava muito mal. Sinhô, al'invés dela falá sinhô, falava trinhô; sinhá, ela falava trinhá, e assim pur diante. Aí ela ficô prestan'atenção naquilo. O moço mandô a tuaia cumpô e a tuaia cum pôs. E o rei, sabe?, era muit'ambicionero. Tudo quant'á bunito e bom ele

quiria pa ele. Aí a tal nigrinha ficô'iano, sabe? Ês cumer'à vontade, num sabe? Pa fartá! Ali ele pegô a tuaia, dobrô'tra veis e guardô. A nigrinha saiu correno, num sabe?, e chegô lá, chamô o rei e a rainha.

– Ó, trinhô, pode vim cá mais a trinhá qu'eu quero contá p'ocês. O rapais que ocês prendeu onte, ele tem u'a tuaia lá. Ele mandô os preso num cumê cumida, trinhá, e isparramô cumê pa todo lado e, quand'os preso amuntô nele pa batê nele, ele:

– Num bate ni mim, não! Num bate ni mim, não!

E abriu a tuaia lá e...

– Cumpõe, tuaia!

E a tuaia cumpôs. Tan' trem bunito e gostoso! Mais, foi carne! Foi... e ês cumero lá!

O rei falô `sim:

– Vai lá. Chama a puliça e fala co'ês que mand'a tuaia pa mim. Se num mandá a tuaia agora, vô mandá degolá ele.

Aí a puliça foi lá e...

– Ó, o rei mandô pidi a tuaia, qué a tuaia pa ele. Um prisionero num pode possuí u'a tuaia dessa, não!

– Ah, mas ela é minha, uai! Vô dá minha tuaia, vô ficá sem nada?

– E disse que, se ocê num mandá, é pa mandá degolá ocê e palavra de rei num vorta atrásis.

– Intão leva.

Levô a tuaia. Aí, quando foi noto dia, evém a nigrinha trazê o armoço. Quando chegô c’o almoço, a mema cumida badoque de ruim, num sabe? El’oiô, mete’o pé nessa cumida, nessas marmita, isparramô cumida pa todo lado, num sabe?

– É, diacho! On’tinha tuaia, hoje...

Quand’ês viero pa batê nele, os prisonero viero pa batê nele:

– Num me bate, não! Qu’eu vô dá ocês dinheiro. Cês compr’o que ocês quisé.

Aí ele pegô a varinha de condão. Bateu treis veis:

– Varinha de condão, ocê me dá dinheiro ô não?

Mais apareceu tanto dinheiro ness’ora, num sabe? Qu’ês pôde panhá dinheiro e quanto mais panhava, mais aparicia dinheiro. Ês incher’os borso e saíro farto de dinheiro!

– Ah! Esse já serve pa ficá mais a gente aqui!

Cataro dinheiro, saíro pa comprá as coisa, num sabe? Mandô comprá as coisa.

– Trais isso aí! Trais isso daí pa mim.

Tudo que quiria comprava e assim pur diante. Aí a nigrinha correu e juntô as marmita. Saiu correno.

– O home é rico, é rico, porque el’oje num tinha tuaia, não! Tinha u’a varinha de condão. Ele bateu a varinha `sim e falô `sim: “Varinha de condão, cê me dá dinheiro ô não?”

– Vai lá e fala co’ele pa mandá a varinha de condão pa mim. Se num mandá, eu vô mandá degolá el’agora mesmo.

Aí a puliça foi lá e falô:

– Ó, o rei mandô falá que cê mandasse a varinha de condão pa ele.

E ele foi, mandô a varinha de condão, já cum medo de sê morto. Pegô a varinha de condão e mandô.

– Depois eu trago ela novamente. Ele vai tê que m’íntregá ela, dex’ele!

Intregô. Aí, quando foi à tarde, l’evém a nêga trazén’as marmita pros prisionero. Quando chegô, ele mandô o pé nas marmita, aí isparramô cumida pa todo lado. Ês falô `sim:

– É, hoje... onte foi a tuaia, hoje cedo foi a varinha de condão. Agora à tarde, cê num vai tê essas coisa mais, não! Cê vai nos pagá essa cumida!

– Não! Num me bate, não!

E logo passô a mão nessa viola e cumeçô a tocá, num sabe? A viola era só biliscá na viola. Tudo que tivess’ali perto tinha que mexê e dançá, tinha que mexê e dançá. Os criminoso já cumeçar’a dançá lá

dento, num sabe? Todo mundo que passava na rua e que ouvia o toque da viola já começava a dançar. E virô aquele negoço... E a nigrinha saiu pelejano pa saí, mas num cunsiuia saí, dançano, num sabe?

– Cumé qu’eu vô contá isso sinhô rei? Cumé qu’eu vô contá? Dexe eu i contá sinhô rei!

– Aqui num tem negoço sinhô rei, não!

Aí, quand’ela tava demoran’á chegá, num sabe? És viero pa sondá o que tava aconteceno. Quand’o rei chegô, já chegô dançano tamém, num sabe?

– Que qu’é isso? Quê que tá ‘cuntecen’aqui?

O rei dançano. Só parava de dançar a hora que parasse de tocá. Aí esse rei foi dançano, foi dançano, foi dançano... Cum poc’a rainha. O rei tava demorano, a rainha vei pa vê que é que tava ‘cunteceno, e a rainha já começô a dançar, num sabe? Foi dançano, dançano.

– Ô, moço, para de tocá qu’eu num tô guentano mais, não!

– Num paro, não!

– O quê que cê qué?

Quand’ele num tava guentano, os pé dele num tava guentano mais:

– Quê que cê qué procê pará de tocá essa viola? Quant’é que cê qué?

Ele disse:

– Num quero nada, cê tem que dançá. Aqui é `sim: tem que dançá.

– Pel’amor de Deus, qu’eu tô cansado demais, num tô quentano mais, não! Para de tocá.

– Num paro, não! Cê tem que dançá mesmo.

– Ó, moço, quant’é que cê qué p’ocê pará de tocá?

Ele falô `sim:

– Num quero nada.

– O que qu’é que ocê qué?

Ele falô `sim:

– Eu quero a sua fia em casamento.

Aí esse rei foi dançano...

– Mas num é pussív’eu dá minha fia. Eu num sei s’ela qué casá c’ocê! Eu tenho treis fia lá e num sei se alguma delas vai querê casá c’ocê!

– Que conversa isquisita! Intão cê tem que dançá.

Tá tocano, ele tá dançano; tá tocano e ele tá dançano. Aí o rei:

– Manda chamá as minina lá.

Aí, nada. Ninguém podia saí, viro que tava demoran’um sabe?

Elas viero. Quand’elas chegaro já chegaro dançano. Aí:

– Qualé delas? Qualé delas? Qualé delas?

– Aquela lá!

– Intão tá, eu te dô ela em casamento. Cê pode casá co’ela.

– Cê qué casá co’ele?

Ela disse:

– Quero.

Aí, mais aí ele num para de tocá, não! Foi tocano, tocano...

– Vai buscá os iscrivão pa fazê o casamento.

Aí mandô chamá o iscrivão.

– Vai mandá chamá o sacerdote pa fazê o casamento! Só paro de tocá dipois qu’ele chegá e prometê de fazê o casamento.

– Intão bem, vai dipressa!

Aí manda lá. Telefonô pum cara lá que num tava ovin’o toque da vida. Aí o cara foi lá e chamô o iscrivão, chamô o padre. O padre vem. Quando já chegô, já chegô dançano tamém, num sabe? O sacristão... Ele Garrô o sacristão e tá dançano. Mandaro chamá o iscrivão.

– Para, moço, pel’amor de Deus, cumé que fais esse casamento?

Aí tá dançano, tá dançano, tá dançano. Aí:

– Cê promete fazê o casamento, Seu padre?

– Prometo, sim, faço casamento.

O pai da moça já falô aí:

– E o sinhô, iscrivão?

– Prometo de fazê o casamento.

– Intão pode cumeçá aí.

O iscrivão cumeçô a fazê o casamento. Chamô a moça. A moça disse que quiria casá. Fizero o casamento. Ah, moço, dipois que o sacerdote feis esse casamento, aí foro fazê a festa lá do casório, num sabe? Mais foi tanta cumida, tanta bibida! Fogos? Nunca vi tanto. A cidad'iscureceu de fumaça de fogos nesse dia. Foi aquele festão medõe! Doces? Doce de leite. Nossa! Nunca vi tanto doce de leite. Intão tinha um pote de doce de leite lá, daquele ingasga-gato. Muito gostoso mesmo, né? Doce quentim, mais quentim mesmo, feito naquel'ora. Eu falei:

– Eu vô levá um pote de doce de leite pos meus colega lá. A dona... cumé que chama? A dona... Ana Lúcia... Não! Antunieta. Eu vinha trazen'um pote, um pote de doce p'ocês.

Ês vão chegá lá em Turmalina, eu sei qu'ês vão chegá lá. Eu vô trazê um pote de doce quente pa ês, pa ês cumê um docim quente, igual ingasga-gato.

Transcrição de Carolina do Socorro Antunes e Sônia Queiroz, a partir de narrativa oral contada por Francisco Lourenço Borges em Turmalina, 1987, gravada por Reinaldo Martiniano Marques. Extraída de: SOUZA, Josiley. *Negros pelo vale*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. (Edições Viva Voz). p. 54-70.

# A história de João Tomba-Morro

Transcrição de André F. S. Carvalho

Dizem que uma das maiores virtudes do homem é a coragem. A coragem é a resistência ao medo, o domínio do medo e não a ausência dele. Infelizmente, nem todo mundo tem coragem para enfrentar seus problemas. Como diria um compadre meu, “é mais fácil dá tombo nos otro do que encará a vida de frente”. Mas esse não é o caso dum homem do interior do estado. Seu nome era João Tomba-Morro, um sujeito enorme, forte como um touro, que gostava de testar a coragem dos homens através da luta.

Um dia, ele chegou num vilarejo e perguntou onde ele poderia encontrar um homem valente para lutar com ele, só de brincadeira. Informaram que perto do porto tinha um indivíduo que vivia tanto na água quanto no seco e era o mais corajoso por aquelas bandas. Então João perguntou:

– Como ele chama?

– Chama Antônio, mas é conhecido por Marinheiro. É só chegá no porto e gritá que ele aparece.

João chegou no porto e começou a gritar:

– Ei, Marinheiro?! Marinheeeero?!

Gritou muito. Depois de um tempo, a água começou a borbulhar e apareceu um homem nadando em sua direção. Chegou, cumprimentou e disse:

– Que ocê deseja?

– Eu gostaria de convidá ocê pra lutá cumigo.

– Acho que eu num vô guentá lutá cum cê... um home forte desse jeito e eu sô franzino. Num vô guentá uma luta cum cê, mas eu topo, eu topo.

– Num tô totalmente quereno lutá nem brigá, queria vê se ocê tinha corage. Intão será que ocê num qué saí cumigo viajano uns seis mês, só andano pelo mundo? Ocê num vai gastá nada, eu pago tudo procê, ocê num vai gastá nada. É só passia.

O Marinheiro aceitou. Foram até sua casa buscar uns documentos e iniciaram a jornada. Chegaram numa cidadezinha e pensaram se lá eles poderiam encontrar alguém corajoso o bastante para lutar com eles. O povo da cidade disse que havia um tal de Antônio (outro Antônio) que trabalhava trançando laço de cabresto, chicote, essas coisas. Ele morava

um pouco mais afastado da cidade e tinha o apelido de Trançador. Tomba-Morro e Marinheiro chegaram na casa do Trançador e disseram:

– Seu Antônio, eu vim aqui convidá o sinhô pra lutá cumigo. Eu gosto muito de lutá. Se o sinhô quisé lutá cumigo um poquim...

– Uai! Eu num guento! Eu num vô guentá uma luta cum o sinhô porque o sinhô, um home forte desse jeito, né memo? E eu num vô guentá. Mas eu topo.

– Antônio, eu num tô totalmente quereno lutá cum cê. Eu quiria vê o seu ânimo e já que ocê tem corage mesmo, ocê qué viajá cum a gente. Intão, eu gostaria de te cunvidá. Se quisé saí pa passia uns seis mêis, dá umas vorta pelo mundo afora, passiano, caçano, eu gosto muito de caçada. A gente vai nas mata pra gente caçá.

– Tá muito bem, a gente vai.

Era compreensível o medo que eles sentiam quando viam o João Tomba-Morro. Ele era tão forte que o facão dele pesava uns cem quilos. Além disso, ele colocava suas coisas numa trouxa pesada, jogava nas costas e saía viajando pelo mundo, num tinha lugar fixo.

Saíram os três viajando: o Marinheiro, o Trançador e o João Tomba-Morro. Andaram muito e resolveram acampar no meio do mato, pois já estava escurecendo. Limparam uma área no meio da floresta, armaram a barraca, jantaram e foram dormir. No outro dia, ficou decidido que o

Marinheiro ficaria no acampamento encarregado do almoço e o Trançador ia caçar junto com o Tomba-Morro. Cada um deles pegou sua espingarda – a arma do Tomba-Morro era tão grande que ele podia entrar dentro dela – e saíram para caçar. O Marinheiro preparou um tacho enorme de comida, já que o Tomba-Morro avisou que comia bastante. Quando o almoço ficou pronto, ele ouviu um barulho nos arbustos que vinha em sua direção. Quando olhou era uma caveira, num tinha couro nem carne, só osso. A caveira chegou perto e disse:

– Bom dia!

Ele disse:

– Bom dia! Que a senhora deseja?

Ela deu uma risadinha:

– Hi, hi, hi! Eu vim aqui propô um negócio pro sinhô. Nós vamos lutar. Se o sinhô me vencê, eu vô embora, se eu vencê o sinhô, eu como essa comida.

– Muito bem! Bom!

O Marinheiro pegou o facão e começou a lutar com a caveira. Não importava o quanto ele se esforçasse, ele não conseguia feri-la. Ela acabou derrotando ele. O Marinheiro ficou desmaiado e a caveira comeu toda a comida do tacho. Quando ele acordou, começou a fazer o almoço

de novo. Nesse instante, os outros dois chegaram da caça. O Tomba-Morro foi logo perguntando:

– Uai! Ocê num fez cumida inda não?

– Ah! Ocês num sabe o que acunteceu aqui. Uma confusão danada, sabe? Chegô uma cavera aqui, propôs uma coisa isquisita que eu nunca vi. Propôs uma luta cumigo e eu... eu... aceitei. Fui lutá cum ela, ela me venceu. Quando me dei conta, ela tinha cumido a cumida toda e já num tava mais aqui, foi imhora. Que lugar isquisitão esse aqui, né? Tô assombrado cum isso aqui. Num dá pra gente ficá num lugar desse, não!

O Tomba-Morro ficou uma fera e disse:

– Amanhã, ocê vai cumigo e o Trançadô fica. Que moleza é essa, ocê dexá a cavera cumê a cumida toda?

Na manhã seguinte, saíram os dois cedo para caçar. Quando o Trançador acabou de fazer a comida, a caveira tornou a aparecer. Apareceu do mesmo jeito, saiu de trás da moita dando risadinha. Fez o mesmo desafio que havia feito ao Marinheiro. Seus golpes de facão não adiantavam contra a caveira e ele acabou vencido. Ele desmaiou e ela, mais uma vez, comeu toda comida e sumiu. Quando ele acordou, começou a fazer o almoço de novo e o Tomba-Morro e o Marinheiro voltaram da caça. O Trançador contou o ocorrido e o Tomba-Morro, furioso, falou:

– Eh, corja mole! Ocês são molengão mesmo! É, amanhã eu vô ficá aqui e ocês vão dá conta de carne pra mim. Eu num vô cumê sem carne, não! Ocês vão caçá. Amanhã quem vai fazê o almoço sô eu!

No outro dia, os dois foram caçar e o Tomba-Morro ficou fazendo o almoço. Quando terminou, ouviu o barulho nas folhas secas e percebeu que a caveira se aproximava. Ela chegou perto dele, dando as risadinhas, e disse:

– Hi, hi, hi!... Bom dia, bom dia!

– Bom dia! Pode chegá pra cá. A sinhora qué lutá, né? Eu quero também. Vamo lutá. Se a sinhora me vencê, ocê come tudo aí, né? Tem pobrema, não!

O Tomba-Morro pegou seu facão gigante e começou a bater na caveira. A cada golpe do facão do Tomba-Morro, voava pedaços de osso pra tudo que é lado. E para cada pedaço que caía, a caveira colava ele no lugar. Parecia que era uma caveira encantada. Era uma moça que se transformava numa caveira. Ele não deixava a caveira atacar de jeito nenhum. Depois de um tempo, ele bateu tão forte na caveira que ela acabou fugindo.

Quando os outros chegaram da caça, o Tomba-Morro falou para eles comerem rapidinho porque eles iam atrás da caveira. Eles almoçaram, pegaram os tachos, arrumaram tudo por ali e foram atrás da

caveira. Seguiram os pedaços de osso e gotas de sangue pela mata (só sendo uma caveira encantada pra sangrar). Depois de andarem bastante, eles viram um buraco por onde ela entrou. O buraco parecia morada de fera, mas o Tomba-Morro estava determinado a entrar nesse buraco. Ele examinou bem a entrada e disse:

– Olha, eu vô tirá bastante cipó, torcê e imendá esse cipó e vô fazê um canzil e um docês vai descê aqui e vê onde foi essa cavera. Qualqué coisa ocê dá sinal no cipó que eu puxo novamente.

Ele foi emendando o cipó, fez um canzil, foi soltando aos poucos e desceu o Marinheiro. Quando ele chegou mais ou menos no meio do caminho, viu um clarão e um campo enorme lá embaixo, mas tinha uma roda com duas navalhas bem no meio do caminho. As navalhas passavam uma sobre a outra, deixando um vão entre elas. O Marinheiro analisou a situação, deu um puxão no cipó e foi puxado para cima. Então, o Tomba-Morro perguntou:

– Quê que é? Ocê viu a cavera lá?

– Não, num vi.

– Quê que ocê viu lá?

– Sabe, Tomba-Morro, lá tem um... parece que tem otro mundo lá imbaxo. Parece um otro mundo, uma coisa isquisita. Tem uma campina lá, ocê num vê um arvoredado grande, sabe? De jeito nenhum. Só vê

campina, o mato rastero. O lugar é até bunito, mas é aquela solidão! Calado! Aquele negoço triste. E tem um buraco lá no meio e uma roda cum duas naváia que fica passano uma sob a outra e de vez em quando abre.

– Dá pra passá nesse meio?

– Dá. A hora que elas passá, acho que dá pra saltá, porque se fô passá na hora que ela tá fechano, ela corta nóis. É duas naváia.

– Ocês vão saltá lá imbaxo nesse otro lugá, eu vô descê ocês. Dipois eu amarro o cipó num pau aí e vô descê tamém.

Assim foi feito. Primeiro desceu o Marinheiro. Depois, o Trançador. Logo em seguida, o Tomba-Morro amarrou o cipó numa árvore e, largando todo seu equipamento para trás, levando apenas seu facão, desceu também. Quando ele chegou na entrada desse outro mundo, disse:

– Eu quero descubri onde foi essa cavera! Eu nunca vi coisa igual. Parece incanto! Eu nunca vi osso dá sangue! Isso só pode sê incanto.

E foram os três andando por esse mundo estranho. Enquanto era dia e estava claro, eles podiam seguir o rastro de sangue deixado pela caveira. Quando era noite e já não enxergavam mais nada, descansavam. Não tinha estrada nem direção a ser seguida. Suas únicas pistas eram as gotas de sangue. Andaram por algum tempo. Já era

noite quando avistaram, ao longe, uma casa. A casa parecia habitada. Chegaram perto e o Tomba-Morro gritou:

– Ô de casa!

Uma voz respondeu:

– Ô de fora, vamo chegá!

Entraram na casa. Não veio ninguém recebê-los. Cadeiras se arrastavam sozinhas para que os visitantes se sentassem. Depois, vieram potes de água para lavarem o rosto. Veio café e quitandas para os convidados. Mas não veio ninguém. O Tomba-Morro estava impressionado com o lugar, enquanto os outros dois tremiam de medo. Trouxeram água para banharem os pés. Então uma voz falou:

– Óia, Juão, seu quarto é aquele, número um; o quarto do Marinheiro é aquele, número dois, e do Trançadô, o número treis. É, ocês vão durmi lá, cada um separado. À noite vai aparecê uns fantasma. Ocês num dão cunfiança. Cuidado, viu? Se ocês se assustá, ocês num vão saí daqui, viu?

Eram três moças que queriam se casar com eles, cada moça com seu homem, mas eles precisavam demonstrar coragem diante daquela situação. Então, o Tomba-Morro falou aos outros:

– Cuidado, ó! A voz falô que num é pra dá alarme, não! Num tenha medo, não, que são coisa fantástica, isso num vale nada, não! Tudo passa.

– Tá bem. – responderam os outros dois.

Com o passar das horas, foram dormir, cada um no seu quarto. Depois de um tempo, começou a cair uma tempestade no quarto do Marinheiro. Parecia que ele estava em alto-mar sofrendo a fúria de um maremoto. Com isso, ele começou a tremer de medo e a gritar:

– Sai pra lá! Sai pra lá!

A tempestade cessou. O quarto voltou a ficar escuro e silencioso. O Marinheiro nota um vulto em seu quarto. Quando consegue enxergar melhor, vê uma figura parecendo um macaco com dentes pontiagudos, boca e rabo de fogo, querendo agarrá-lo, e volta a gritar:

– Ai, me acode! Me acode! Me acode, pelo amor de Deus!

O macaco parecia enraivecido, pronto para atacar o Marinheiro e ele gritava e chorava de medo. De repente, o macaco desapareceu, mas antes de se sentir aliviado, surgiu uma serpente enorme. Era tão grande que parecia que iria engolir o Marinheiro de uma vez. Ele recomeçou a gritar e socar a porta do quarto querendo sair. O mesmo ocorreu no quarto do Trançador. E ele agiu da mesma maneira, dando alarme do mesmo jeito. O Tomba-Morro ainda tentou alertá-los:

– Cala a boca, pelo amor de Deus, num grita, não!

Mas eles não tinham a coragem do João Tomba-Morro. Quando as aparições chegaram ao quarto do Tomba-Morro, ele não esboçou reação alguma e disse:

– Ocês pensa que eu tô ligano pra isso? Nem tô assuntano. Num ligo pra isso, não! Tenho medo de nada!

Quando foi na manhã seguinte, a voz falou pro Tomba-Morro:

– Óia, fala pru seus colega que aqueles fantasma que aparece aí num é nada, num vai fazê nada com eles. Num resiste naquilo. No fim tudo vai dá certo procês... aqui é tudo incantado. E se ocês resistir, aí vai tudo disincantá, vai tudo ficá bom procês.

– Tá muito bem, eu falo cum eles.

Ele sentou com os outros dois e transmitiu o recado. Parece que eles compreenderam que tudo é apenas uma fantasia e prometeram não se amedrontar mais com as aparições. Quando escureceu e eles foram dormir, a voz tornou a falar:

– Num têm medo, não, que num vai acuntecê nada cum cês.

– Não, tá tudo bem. Ninguém vai tê medo, não!

Logo após terem deitado, apareceu no quarto deles um tigre com garras e presas enormes prontas para dilacerar suas carnes. Depois apareceu um leão, ainda mais feroz e sedento que o tigre. O Marinheiro e o

Trançador tremiam e choravam como duas criancinhas. E o Tomba-Morro nem ligava. Quando amanheceu, a voz falou com o Tomba-Morro:

– Pelo amor de Deus, falta só um dia, se ocês resistir essa noite, ainda pode dá certo.

Quando anoiteceu foi a mesma história. Os dois ficaram apavorados e o Tomba-Morro nem se importou. Pela manhã, a voz falou novamente com o Tomba-Morro:

– Ó, amanhã, na hora que clariá o dia, num vai tê claridade mais. Ocês vão ficá no iscuero. Nós como treis irmã que tavam aqui, presa nessa casa. Meu pai mora lá em cima, naquela parte onde ocês viro a cavera, mas numa região mais distante dali, muito distante. Acuntece que amanhã nós vão imbora e ocês vão ficá preso no iscuero. Mais, João, eu vô te dá um ispêio piqueno, cabe no bolso. Ocê guarda ele. Aqui vai virá um ispinhal! Mas ocê... o seu facão é muito bom, ocê vai roçano os ispinho no iscuero procê saí daqui. Quando ocê tivé cansado e aguniado, ocê pega esse ispêio e joga pra trás. Ele vai clariá o caminho procê i andano. A hora que suas vista cumeçá embaralhá de novo, eu vô te dá um punhado de cinza, ocê joga essa cinza pra frente. O ispêio pra trás e a cinza pra frente. Nisso a cinza vai dá claridade lá no ispêio... Ocê joga ela pro ar, ela vai dá claridade e ocê pode segui caminho. Inquanto ela

tivé no ar, o pó daquela cinza dá claridade procê cum reflexo do ispêio, até ocê saí daqui.

– Tá muito bem.

– E seus colegas... Ocê que sabe o que fazê cum eles?

O João Tomba-Morro estava com muita raiva de seus colegas. Não só por terem se alarmado por causa dos encantos da casa mas, principalmente, por ter se decepcionado com a falta de coragem de seus companheiros. Ele se despediu das três irmãs e gritou:

– Marinheiro, vem aqui! Vem aqui! Ond'é que ocê tá, Marinheiro, ond'é que ocê tá?

– Tô aqui!

– Vem aqui!

Como estava escuro, teve que procurar o colega apalpando as paredes tentando encontrá-lo. Escutou a voz do Marinheiro um pouco mais próxima, estendeu o braço e agarrou a mão do companheiro. Nesse momento, Tomba-Morro pegou seu facão e decepou o pescoço do Marinheiro. Chamou pelo Traçador e fez a mesma coisa. Ele se sentiu traído por seus colegas e, depois de sentenciá-los, saiu roçando o espinhal. O caminho era árduo e depois de algum tempo roçando espinho ele ficou agoniado, achou que nunca iria sair daquele espinhal. Pegou o espelho e atirou para trás, como as moças lhe disseram, e o espelho

clareou seu caminho. Continuou andando, roçando e, quando suas vistas ficaram turvas, jogou um pouco da cinza pra cima que, junto com o reflexo do espelho, iluminou o seu caminho. Prosseguiu cortando caminho pelo espinhal até que chegou num barranco. Era o maior barranco que ele havia visto na vida. Parecia o maior abismo do mundo. João achou que não tinha como ele sair dali e já estava morto de sede. Havia três dias que não bebia nem uma gota d'água. Avistou água no pé de um barranco e foi matar sua sede. Depois sentou-se e, triste, pensou:

– Como eu saio daqui? Num tem jeito de saí daqui! Quê que eu faço? Mais certamente Deus vai dá um jeito de me tirá daqui, dessa masmorra.

Ao meio-dia, chegaram três harpias. Havia uma harpia magra e outras duas gordas. As harpias eram as mesmas três moças. A harpia magra era a moça que iria se casar com o Tomba-Morro e as outras duas eram para seus companheiros, mas não deu certo. A moça estava emocionada, pois o Tomba-Morro tinha resistido a tudo. Resolveram ajudá-lo. As harpias desceram, beberam água e disseram ao Tomba-Morro:

– Ei, João, ocê qué saí daqui?

– Cumé que ocê sabe que eu sô o João?

– Ocê num é o João Tomba-Morro? Ocê num é aquele memo que venceu a cavera?

Então, a harpia magra disse:

– Ocê qué saí daqui, Juão? Vamo saí daqui. Ocê monta nas minhas costa que eu vô te tirá daqui. Aqui num tem nada, só tem água procê bebê.

– Sim. Eu quero saí daqui.

– Monta aqui nas minhas costa.

Ele subiu nas costas da harpia magra e alçaram voo. Juntos subiam cada vez mais alto. Quando chegou a certa altura, as outras harpias estavam próximas da harpia magra, o Tomba-Morro perdeu a confiança. Não conseguia enxergar destino nenhum, nem acima nem abaixo, e disse:

– Essa ave magra num guenta me levá, não!

Ele pegou uma das harpias gordas pelo pescoço e montou nela. Essa, ao invés de prosseguir voo com ele, desceu e o deixou no mesmo lugar de antes. Assim que pisou em terra firme, as harpias deram meia-volta e foram embora. No dia seguinte, ao meio-dia, elas voltaram para beber água e a harpia magra disse:

– Ué, Juão, ocê num quis i ontem não, né? Te faltô cunfiança em mim, né? Óia lá, cuidado, senão ocê vai morrê de fome e sede aqui.

– Não, hoje eu saio daqui.

Como no dia anterior, a certa altura, ele perdeu a confiança, passou para uma das harpias gordas, que desceu e o soltou lá embaixo. No terceiro dia, as harpias voltaram, beberam água e falaram:

– Óia, a gente num vai vortá aqui mais. Ocê vai morrê e pobrema seu, viu, Juão? Te faltô cunfiança, ocê pudia tê guentado a barra. Eu guento te levá lá em cima.

– Não, pode dexá, hoje eu saio daqui, se Deus quisé!

Fechou os olhos e subiu na mesma harpia. Só abriu os olhos após a harpia tê-lo soltado perto de uma estrada. Depois, a harpia lhe disse:

– Ó, Juão, ocê num sai daqui, não! E nem vai pegá condução nessa istrada, não! Ocê vai saí daqui a pé. Daqui a treis hora, vai chegá aqui treis rulinha. Elas vão cunversá cum cê.

– Tá muito bem!

– Tudo que elas te insiná, ocê faz do jeito que elas te insiná...

Despediram-se dele e foram embora. Passadas as três horas, chegaram as três rolinhas, e chegaram cantando:

– Prruuuum, pruuu! Fogo pagô! Fogo pagô! Prruuu. – disse a primeira rolinha.

– Juão, quê que ocê tá fazeno aqui, Juão? – disse a segunda.

– Juão, ocê deve tá cum fome, né, Juão? – disse a terceira.

– É, tô cum fome sim. Tô precisano cumê. Tem treis dia que eu num como nada.

A primeira rolinha pegou uma toalha e disse:

– Óia, Juão, vô te dá essa tuaia. A hora que ocê tivé fome, ocê abre ela e fala: “Cumpõe, tuaia!” Ela cumpõe tudo que ocê pricisá e quisé.

– Tá muito bem.

A segunda rolinha falou assim:

– Toma, truxe procê essa varinha. É uma varinha de condão. A hora que ocê tivé pricisano de dinheiro, ocê bate ela treis veiz no chão e fala: “Varinha de condão, ocê me dá dinheiro ô não?” Aí aparece o dinheiro, tanto quanto ocê quisé e pricisá.

– Tá muito bem.

A terceira chegou e disse:

– Juão, eu truxe procê uma viola. A hora que ocê tivé triste da vida, ocê leva dedo nessa viola que tudo se alegra e ocê vai se alegrá tamém.

– Tá muito bem.

Agradeceu as rolinhas, que foram embora. Elas eram as mesmas três moças e as três harpias de antes. Elas eram encantadas. Transformavam-se naquilo que quisessem. Antes de partirem, falaram para João:

– Ocê vai saí aqui à direita. A hora que ocê viajá uns trinta, quarenta minuto ocê vai chegá na cidade. Ocê pergunta onde que mora o rei. Eles vão te informá onde é que mora o rei e ocê segue o caminho. Sua mulhé tá lá, ocê vai casá cum ela. E ocê vai casá e sê muito feliz.

– Tá muito bem.

Seguiu o caminho indicado pelas rolinhas. Ao chegar à cidade, pediu informação sobre a localização do palácio do rei. Mostraram a ele. Ele ficou por ali, fazendo hora, como as rolinhas lhe ensinaram. Mas, naquela cidade, era proibido ficar fazendo hora, principalmente um forasteiro. Mandaram investigar o Tomba-Morro e, por apresentar documentos estranhos àquela gente, ele acabou preso. Quando chegou à tarde, trouxeram comida para ele na cadeia. Ele olhou a comida, que era muito esquisita, e disse:

– Isso é cumida de gente, nada!

Meteu o pé nas bandejas e derramou comida pra todo lado. Os prisioneiros foram pra cima dele, enfurecidos, mas ele falou:

– Num me bate, não! Eu vô dá cumida procês. Isso num é cumida pra gente não, viu? Isso é cumida pra porco.

Pegou a toalha, abriu a toalha e disse:

– Cumpõe, tuaia!

Na mesma hora apareceu um banquete digno de um rei na frente dos prisioneiros e o Tomba-Morro falou:

– Ocês pode cumê à vontade!

A escrava que tinha trazido a comida, uma negrinha vinda da África, ficou bisbilhotando tudo. Viu quando o Tomba-Morro abriu a toalha e fez o encanto. Ficou imaginando se o rei estava sabendo desse item mágico, já que o rei era muito ambicioso. Tudo o que era bonito e único no mundo, desejava para si. Os prisioneiros se fartaram com o banquete e, quando terminaram, foram dormir. Tomba-Morro dobrou e guardou a toalha. Logo em seguida, a negrinha saiu correndo para contar a novidade ao rei e à rainha.

– Ó, sinhô, pode vim cá mais a sinhá que eu quero contá procês. O rapais que ocês prendeu ontem, ele tem uma tuaia lá. Ele mandô os preso num cumê cumida, sinhá, e esparramô cumida pra todo lado e, quando os preso amuntô nele pra batê nele, ele: “num bate ni mim, não! Num bate ni mim, não!” e abriu a tuaia lá e falou “cumpõe, tuaia!” e a tuaia cumpôs. Tanto trem bunito e gostoso! E eles cumero lá!

– Vai lá. Chama a puliça e fala cum eles pra mandá a tuaia pra mim. Se num mandá a tuaia agora, vô mandá degolá ele.

A polícia chegou na prisão, entrou na cela do Tomba-Morro e disse:

– Ó, o rei mandô pegá a tuaia, qué a tuaia pra ele. Um prisionero num pode possuí uma tuaia dessa, não!

– Ah, mas ela é minha, uai! Vô dá minha tuaia, vô ficá sem nada?

– E disse que, se ocê num mandá, é pra mandá degolá ocê e palavra de rei num vorta atrásis.

– Intão leva.

Levaram a toalha. No outro dia, a negrinha veio trazendo o almoço, aquela mesma comida ruim. Tomba-Morro olhou e meteu o pé nas marmitas como da outra vez, esparramando comida por todo lado. Quando os prisioneiros vieram para bater nele, ele falou:

– Num me bate, não! Eu dô dinheiro procês. Ocês compra o que ocês quisé.

Ele pegou a varinha de condão, bateu três vezes e disse:

– Varinha de condão, ocê me dá dinheiro ô não?

Apareceu um monte de dinheiro. Os outros prisioneiros enchiam seus bolsos e quanto mais dinheiro eles pegavam, mais aparecia. Ficaram todos satisfeitos com os bolsos fartos de dinheiro. Mandaram os carcereiros comprarem as melhores refeições da cidade, as melhores vestes, as melhores bebidas e várias outras coisas. A negrinha ficou impressionada e correu para avisar o rei. Depois de ouvir o relato da negrinha, o rei falou:

– Vai lá e fala cum ele pra mandá a varinha de condão pra mim. Se num mandá, eu vô mandá degolá ele agora mesmo.

A polícia foi lá e falou:

– Ó, o rei mandô pegá a varinha de condão pra ele.

Tomba-Morro entregou a varinha de condão, senão iria morrer.

Depois de pouco tempo, todo o dinheiro recolhido pelos prisioneiros acabou. No fim da tarde, lá vem a negrinha trazendo o jantar. Era a mesma lavagem servida no almoço. O Tomba-Morro já estava nervoso por ter perdido dois itens encantados e, mais uma vez, chutou as marmittas e derramou a comida. Os prisioneiros ficaram furiosos com o Tomba-Morro e falaram:

– É hoje... ontem foi a tuaia, hoje cedo foi a varinha de condão. Agora à tarde, ocê num vai tê essas coisa mais, não! Ocê vai nos pagá essa cumida!

– Não! Num me bate, não!

Pegou a viola encantada e começou a tocar. Todos que estavam perto dele começaram a dançar. Todos que ouviam a melodia, começavam a dançar. Bastava apenas um toque para que a viola tocasse sozinha. Enquanto o Tomba-Morro ficasse tocando, o pessoal ia dançando. A negrinha, que tentava falar com o rei mas não conseguia parar de dançar, falou com o Tomba-Morro:

– Cumé que eu vô contá isso pro sinhô rei? Cumé que eu vô contá? Dexe eu i contá pro sinhô rei!

– Aqui num tem negoço, não! – disse o Tomba-Morro.

Como a escrava estava demorando a trazer notícias do presídio, o rei foi até lá descobrir o motivo do atraso. Quando ele entrou na prisão já começou a dançar. Ele ficou espantado com o que estava acontecendo. Disseram a ele que só poderia parar de dançar quando o prisioneiro parasse de tocar a viola. A rainha, preocupada com a demora do rei, foi até a prisão e logo entrou na dança também. Cansado de tanto dançar, o rei pediu:

– Ô, moço, para de tocá que eu num tô guentano mais, não!

– Num paro, não!

– O quê que ocê qué?

– Quero nada, não!

O rei já não aguentava mais, seus pés sangravam de tanto dançar.

– Quê que ocê qué pra pará de tocá essa viola? Quanto ocê qué?

– Num quero nada, ocê tem que dançá. Aqui é assim, tem que dançá.

– Pelo amor de Deus, eu tô cansado demais, num tô guentano mais, não! Para de tocá.

– Num paro, não! Ocê tem que dançá mesmo.

– Ó, moço, quanto é que ocê qué pra pará de tocá?

– Num quero nada.

– O que que é que ocê qué?

– Eu quero a sua fia em casamento.

O rei, que continuava dançando, disse:

– Mas num posso dá minha fia. Eu num sei se ela qué casá cum cê! Eu tenho treis fia e num sei se alguma delas vai querê casá cum cê!

– Que conversa isquisita! Intão ocê tem que dançá.

O rei, desesperado, mandou chamar as filhas. As três moças chegaram e já chegaram dançando. Das filhas do rei, apenas uma, a mais bonita delas, chamou a atenção do Tomba-Morro. Então, o rei perguntou ao Tomba-Morro:

– Qualé delas? Qualé delas? Qualé delas?

– Aquela lá! – apontando pra mais bela das moças.

– Intão tá, eu te dô ela em casamento. Ocê pode casá cum ela. Ocê qué casá cum ele? – o rei perguntou pra filha.

– Quero. – disse a moça.

Era a moça que estava destinada a se casar com o Tomba-Morro. Depois do decidido, o rei pediu pro Tomba-Morro parar com a dança. Para sua infelicidade, o Tomba-Morro ainda tinha algumas exigências:

– Vai buscá o iscrivão pra fazê o casamento. Manda chamá o sacerdote pra fazê o casamento! Só paro de tocá dipois que eles chegá e prometê de fazê o casamento.

– Intão bem, vai dipressa! – mandou o rei com lágrimas nos olhos.

Mandaram chamar o escrivão e o padre. Como todos os outros, os dois começaram a dançar logo que chegaram. O padre falou com o Tomba-Morro:

– Para, moço, pelo amor de Deus, como fais esse casamento desse jeito?

– Ocê promete fazê o casamento, Seu padre?

– Prometo, sim, faço casamento.

– E o sinhô, iscrivão?

– Prometo de fazê o casamento.

– Intão pode cumeçá aí.

Iniciou-se a cerimônia. Primeiro, casório civil, depois, religioso. Após o casamento, começou a festa. Foi tanta comida, tanta bebida que a cidade inteira foi convidada. Soltaram tantos fogos de artifício pelo casamento da filha do rei que o céu ficou escuro por causa da fumaça. Foi uma festa tão bonita, tão farta que dava para fazer festa pro casamento das outras duas filhas do rei. O problema vai ser arrumar marido pra aquelas duas, feias do jeito que elas são.

## Os treis rapais

Er’o Antõe, o Jusé e o Juão. Antão diz qu’ês foi e falô:

– Nós temo que dá um recurso. Nós temo que pussuí algu’a coisa na vida. Que será que nós vamo fazê?

Aí os treis cumbinaro e saíro. Sentaro num canto, tava ês treis lá pensan’o que podia fazê.

Aí apareceu u’a véinha e falô co’ês.

– Aí, nós tam’aqui pensan’o quê que nós podíamo fazê.

Aí diz qu’ela falô ‘sim:

– Ô meus fio, eu vô dá ocês aqui treis maçã.

Cada um ficô c’uma maçã.

– Óia, mais só pode cumê onde tem água. Aonde não tem água não adianta cês cumê.

Aí ês chegô lá, o Antõe falô:

– Sabe du’a coisa? Eu vô é cumê a minha.

Quan’deu u’a dentada nela, pulô u’a moça bunita:

– Me dá água, me dá água!

Ele num tinh’água, aí ela desapareceu. Aí diz qu’ês foi e chegaro nu’a artura, o Jusé foi e disse:

– Cê sabe du’a coisa? Eu tamém vô é cumê a minha.

Deu u’a dentada, apareceu a moça bunita:

– Me dá água, me dá água!

Num tinha, desapareceu.

Aí diz que o Juão falô:

– Inquanto num tivé água, eu num vô...

Quando tava num córgo correno, qu’ele foi e disse que falô assim:

– Vô cumê a minha.

Deu u’a dentada, pulô a moça, bunita que só cê veno.

– Me dá água, me dá água!

– Ô o córgo corren’aí, bebe.

Aí diz qu’ela bebeu. E nisso chegô u’a nêga preta, c’um pote na cabeça. Intão diz que foi chegano, aí diz que viu:

– Ô Sinhá, tão bunita que a sinhora é...

Aí diz qu’ela falô de inveja, e forçô a mão na cabeça dela e diz que apanhô um alfinete, exato na cabeça dela. Ela virô u’a pombinha e saiu rodano né? Primero tinha dad’ele um cartão, e falô:

– Óia, esse cartão, aond’ocê chegá ês vão mostrá ocê que ali é que é o palácio.

Aí foi qu’ele deu, aí quand’ele chegô:

– Aqui é que é o palácio memo.

Aí falô assim:

– Cê vai buscá a carruage?

Foi. Aí o moço entrô lá dento e foi buscá a carruage pa botá, pa buscá a princesa co’ele. Quando chegá lá, tá essa nêga lá num pau, pindurada, que é ela que ficô no lugá da princesa. E a princesa virô u’a pombinha e saiu avuano. Aí que chegô, já num deu, qu’ela falô:

– Ieu que sô sua.

– “Ieu que sô sua”? Ela qu’é minha? Mas Jesus, que qu’eu vô fazê co’essa pomba?

– Um cordão de oro, põe na sua mão, qu’eu ponho no pé.

Quand’ele pôs, qu’ele puxô o cordão, foi justamente a princesa qu’ele tava esperano, qu’ele foi buscá a carruage. Aí diz qu’ele pegô ela, disse assim:

– Que qu’eu vô fazê co’essa nêga?

Pegô um cavalo bem brabo e diz que pegô ela, botô ela pa muntá nesse cavalo, e o cavalo saiu pulano co’ela, ela pindurô o pé no cavalo

e saiu pindurano pur toda a vida, co'a pena de tipi da pata. Fo'imbora a nêga.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Geni Maria de Jesus em Araçuaí, 1996, gravada por Jader Gontijo. Extraída de: SOUZA, Josiley. *Negros pelo vale*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. (Edições Viva Voz). p. 117-118.

# A maçã da sorte

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

Era uma vez três rapazes: um se chamava Antônio, um se chamava João e o outro, José. Eles eram filhos de um camponês, que havia morrido recentemente, e estavam por volta de seus quinze anos de idade. Em uma bela manhã, enquanto estavam sentados, observando a terra que já não produzia por causa da seca, e pensando na vida e no futuro, o mais velho deles falou, meio para fora, meio para dentro:

– A gente tem que dar um rumo pra nossa vida. – Os outros dois apenas suspiraram. E foram ficando, ficando, prostrados demais para trabalhar.

Foi quando o caçula sugeriu:

– E se a gente saísse pelo mundo procurando serviço?

Os outros dois consideraram a ideia e, como não acharam saída melhor para o seu destino óbvio, acabaram concordando. Naquela mesma hora foram em casa, pegaram o que puderam e começaram a

vagar sem rumo certo. Qualquer coisa seria melhor do que ficar onde estavam.

Depois de muito andar sem nada encontrar, desanimados e castigados pelo calor, sentaram-se à beira da estrada para descansar e pensar no que fariam. Não demorou muito para que aparecesse uma velhinha misteriosa, do meio do nada, que falou-lhes:

– Aceitem essas maçãs, meus filhos. Tenho uma para cada.

Embora tenham ficado meio desconfiados, acabaram aceitando a regalia. Estavam com muita fome, e que mal podia haver afinal? Porém, antes que dessem a primeira mordida na fruta, a senhora advertiu:

– Mas não se esqueçam: só comam onde houver água. Repito: comam as maçãs apenas em lugar onde houver água, ou de nada adiantará. – E foi embora sem dar maiores explicações.

Assim que voltaram a caminhar, Antônio, que sentia muita fome, não resistiu à tentação e declarou:

– Sabem de uma coisa? Eu vou é comer a minha maçã agora mesmo! – E deu a primeira mordida.

Foi o bastante para que aparecesse uma linda moça na sua frente, com aparência cansada e exclamando:

– Me dê água, me dê água!

Mas, como nenhum deles tinha água para oferecer, a moça desapareceu sem deixar rastros. Sem ter mais o que fazer a não ser dar de ombros, retomaram sua caminhada.

Ainda não tinha passado meia hora quando João, irmão do meio, admitiu:

– Ah, não vai dar pra resistir não. Eu estou com muita fome e também vou comer a minha maçã. – O que aconteceu com o irmão não tinha sido lição suficiente.

Foi ele dar a primeira mordida para aparecer uma moça linda e sedenta, clamando por água:

– Me dê água, por favor, me dê água!

Porém, também dessa vez, não havia nenhum filete de água por perto que João pudesse oferecê-la e, assim como a outra, esta moça também desapareceu, sem deixar vestígios de sua passagem.

Sem nem mesmo poder lamentar, os três rapazes seguiram viagem. Foi só quando passaram por um córrego que José decidiu comer sua maçã:

– Ah, sim! Agora eu posso comer a minha maçã tranquilo.

Deu a primeira dentada e, assim como das outras vezes, surgiu uma moça muito, muito, muito linda e implorando por água:

– Por favor, moço, me dê um pouco de água, por favor!

E ele disse:

– Venha cá, moça, tome água nesse córrego.

Assim que a moça bebeu a água, apareceu uma nêga com um pote na cabeça, que se aproximou dela dizendo:

– Ô, sinhá, mas que moça linda ocê é...

A nêga estava com inveja e, movida por este sentimento, pegou um alfinete encantado e fincou na cabeça da moça, que virou uma pomba e saiu voando por aí, deixando cair um cartão com o endereço do palácio onde vivia. Foi assim que José descobriu que ela era uma princesa. Foi assim que ele definiu seu rumo e seguiu em direção ao palácio. Aquilo tudo não podia estar acontecendo por acaso.

Após andar algumas léguas, avistou um imenso casarão, cheio de torres. Caminhou até o portão e perguntou pro moço que ficava de vigia:

– É aqui que fica o palácio?

E ele assim respondeu:

– Você veio buscar a carruagem?

Por via das dúvidas, José disse que sim e foi levado até a coxia. Quando chegou lá, encontrou-se mais uma vez com a nêga, que havia tomado o lugar da princesa supostamente desaparecida. De repente, uma pomba entrou na coxia e disse para José:

– Você leu no cartão que eu sou sua?

Ao que ele argumentou:

– Mas você é que é minha? Mas o que eu vou fazer com uma pomba?

E a princesa explicou:

– Pegue esse cordão de ouro e ponha em sua mão que eu ponho em meu pé.

Ele assim o fez e, quando puxou o cordão, a princesa retornou a sua forma humana. Foi quando ele teve certeza de que era mesmo a princesa que ele procurava. Imediatamente, pegou-a e colocou-a na carruagem, para que fugissem. Mas antes de partirem, perguntou:

– Mas o que eu faço com essa nêga agora? – E a princesa apontou para um cavalo.

Ele, percebendo o que ela queria dizer com o gesto, pegou a nêga, amarrou-a no cavalo e pôs o bicho pra correr. Dizem que até hoje ela está cavalgando por aí, sem poder parar.

Antônio e João ganharam terras do palácio para começar sua própria plantação de maçãs. E quanto ao casal? Construiu seu próprio palácio e viveu feliz para sempre.

## História da crise

Eu memo, tem u'a piada que a gente sabe dum, dum moço, a gente, sei du'a piada dum moço que tava num tempo du'a crise, igual nós tá ness'era d'oje, dessa seca, né? O cara saiu procuran'um sirviço, falô:

– Vô caçá o distino.

A sorte do cara diz que fica no dedo grande do pé, né? Intão o cara saiu caçan'ó distino. Chegô na frente, topô um moço arrancano toco, e parguntô pa ele:

– Ô moço, quê que ocê tá fazeno?

– Tô aqui, tô `rancano toco. Nesse tempo a crise tá dimais, o sirviço é poco, num acha sirviço, tô `rancano toco...

– Cumé que cê chama?

– Chamo `Ranca-Toco.

– Ah, vamo cumigo!

Aí, siguiu a viagem. Chegô mais na frente, topô um moço c'ovido no chão.

– Ô moço, quê que ocê tá fazen'ái?

– Tô iscutano u'a missa em Romas.

– Pur que que cê tá fazen'iss'aqui?

– Ah, nesse tempo o sirviço é poco, ninguém acha sirviço, intão tô ovino u'a missa em Romas.

Aí:

– Cumé que cê chama?

– Chamo Bom-Adivinhão.

– Vamo cumigo.

Aí siguiu:

– Vão caçá sirviço cumigo.

Siguiu à frente. Chegô mais na frente, topô o cara cumeno pedra.

– Ô moço, cê tá fazen'ái dibaxo dessa pedra?

– Tô cumeno u'as pedr'aqui. Nesse tempo, a crise tá demais, nessa seca, intão a gente num ach'onde se mantê, a dispesa pa gente cumê, qu'eu como muito.

– Cumé que cê chama?

– Chamo, eu chamo Engole-Pedra.

Aí intão:

– Vão cumigo.

Aí chegô mais na frente, topô um oto moço co'a ispingardinha atirano, apontano po lado de Grão Mogó, naquela serra, sabe?

– Que cê tá fazeno?

– Ah! Tô dan'uns tiro lá naquela serra. Nesse tempo, ninguém acha nada que matá, intão eu vô, tô atiran'naquela serra, vê se mato u'a onça; tá atrás daquela serra. Aí el'oiô 'sim:

– Matá u'a onça?

Falô:

– É.

Aí intão ele atirô, matô a onça. Aí chegô mais na frente, falô:

– Mais quem vai buscá essa onça, gente? Nós num acha quem busca ela.

Chegô mais na frente, topô oto cara, piado, cum'as peia de ferro.

Falô pa ele 'sim:

– Ô moço, o quê, o quê que cê tá fazen'aqui?

– Ói, eu tô aqui piado, que se me dispiá eu vô em Romas num... num... num sigundo e vorto. Eu, 'sim, eu tô piado, porque p'andá muito nesse tempo, a crise tá dimais, num dá pa gente andá dimais não.

Aí ele, ele falô:

– Ó, intão vão cumigo. Ah, mas nós matô u’a onça e num tem quem busca ela pa nós...

Falô:

– Aonde qu’ela tá?

Falô:

– Tá lá naquela quina daquela pedra lá.

E o cara pegô dipressa, foi lá, buscô a onça na cacunda, jugô na cacunda, levô o `Ranca-Toco co’ele, jugô a onça na cacunda e trox’imbora. Aí, foi a cumida qu’ês cumero durante a viagem dês.

Aí ês pegô, chegô num lugá, tinha u’a tarefa nu’a fazenda. Quem fizesse treis mandato na fazenda ficaria rico, e se num fizesse, era degolado, era morto. Aí ele falô:

– Qualé o..., o que qu’ê pa fazê?

O moço, o rei falô `sim:

– Ó, quem cortá aquela peroba cum trinta minuto, eu dô a parte da minha riqueza. E se num cortá é degolado.

Aí ele falô:

– Ó...

O `Ranca-Toco ficô de lado, falô:

– Ó, manda aí.

Ele, o cara, o moço qu’invinha co’ele falô:

– Ó, vão lá cumigo. Vão lá cortá a peroba.

Deu duas machadada no pau, já tinha meiado a metade da madeira. Aí o rei falô `sim:

– Ó, vam'em casa, vam'em casa, nós vão tomá um café, dipois cê vorta cortá o pau.

Quand'ele chegô lá, o pau já tinha aumentado oto dobro. Ele tinha u'a feticera, qu'infetiçô aquilo lá, aumentô oto dobro. Aí o `Ranca-Toco deu u'a machadada de lá, deu ota de cá, dirrubô, separô as duas tora, den'de pocos minuto, falô:

– Cê qué que `ranca a raiz?

`Rancô a raiz, tombô pro lado de lá. Era o `Ranca-Toco.

Aí, ele siguiu pa frente. Mais dipressa, falô:

– Ó, tem oto mandato. Um cê feis, quero vê cês fazê o oto. Minha nêga vai em Romas cum meia hora buscá u'a garrafa d'água. Quero vê se ocês vai.

E pensô `sim, falô:

– Ó, vô sigui em frente. Vai você lá, Bom-Corredô.

O Bom-Corredô falô `sim:

– Tira a peia!

Falô:

– Não, picisa tirá não, qu'eu vô lá.

Dexô a muié saí, quand'ê, quand'a nêga dele saiu, cum dez minuto que tava fartano pa meia hora, cum vinte minuto que a nêga saiu, ele saiu. Quand'ele chegô lá, qu'ele pegô a garrafa d'água, que lá ia saíno, topô co'ela no camim, passô pur ela, ela falô:

– Ó, peraí! Ispera'í qu'eu tenho u'a coisa pa te dá.

Pegô a 'liança, colocô no dedo dele, ele durmiu. O Adivinhão pensô, o cara falô:

– Ó, nós tão morto.

Aí o Adivinhão pиргuntô, o oto pиргuntô:

– Pur quê?

– A nêga colocô u'a 'liança no dedo do Bom-Corredô e ele tá morto na istrada. Tá, tá 'terrorizado na istrada.

Aí, o Bom-Atiradô falô:

– Ni qualé o dedo qu'ela tá?

Levô a ispingardinha, pá! Quebrô a 'liança, dispiô dipressa, vei cá, buscô ota garrafa, foi lá em Romas, buscô ota garrafa d'água, chegô primero do que a nêga. Aí ele falô:

– A coisa agora tá danada. Dois cês fizeram, ma' os treis cês num fais.

Mais que dipressa ele falô:

– Ó, minha nêga come um boi, de u’a veis. Quero vê qual docês que vai cumê.

Aí o Come-Pedra ficô todo...

– Puxa vida, co’essa crise que nós tá nela, nessa sêca, né? Como que nós vão fazê pa cumê um boi? Eu... num... nunca achei nada pa cumê pa enchê...

Mais que dipressa, falô:

– Ó, mata aquês boi.

Aí o... Engole-Pedra falô ‘sim:

– Mata aquele de lá pa mim!

Mandô o patrão dele mandasse matá o maió pa ele. Aí, mais dipressa, a nêga cumeçô, falô:

– Pode i cumeno. Quand’ela tava fartan’a metade do boi pa cumê, o Engole-Pedra cumeçô, cumeu o boi dele todo, foi na metade do boi da nêga, cumeu, a nêga falô:

– Cê perdeu a aposta, cê cumeu meu boi.

Ele pegô, falô:

– Será qu’eu perdi memo?

– Perdeu.

Intão foi na nêga, cumeu tamém, o rei falô:

– Cê perdeu a aposta, cê cumeu minha nêga.

Falô:

– Ô rei, agora cumi a nêga, agora vô cumê é ocê.

Abriu a boca, tamanho da boca, falô:

– Agora vem ocê, Seu rei.

O rei falô:

– Pode fechá a boca. Pur inquanto tá, tá terminada a história.

Fecha a boca, num picisa me cumê não. A metade das coisa é docês. Aí terminô.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Onofre Cordeiro de Azevedo em Turmalina, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques. Extraída de: SOUZA, Josiley. *Negros pelo vale*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. (Edições Viva Voz). p. 49-53.

# Fazendo a própria sorte

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

Era uma vez um rapaz que vivia em uma terra em crise, uma terra que sacrificava homens e animais com a crueldade de sua seca. Vegetais espinhavam, só se ouvia canto de urubus, o chão ardia. Ardiam pele, boca, olhos. Ardia a cabeça, doía o estômago.

Cansado de lutar para sobreviver à aridez, e à escassez, o rapaz resolveu tentar a sorte, vagar em busca de terras mais amenas e fartas.

– Vou caçar o destino – disse ao recolher o pouco, o quase nada que tinha. E seguiu pelo caminho que lhe pareceu mais agradável, se é que havia ambiente agradável por aquelas bandas àquele tempo. A sabedoria do povo dizia que a sorte está em nosso dedão do pé. E foi na direção que este apontava que ele resolveu seguir, caçar seu rumo.

Após algumas horas de caminhada, avistou na margem da estrada um homem arrancando tocos de árvores mortas e, curioso, puxou assunto:

– Moço, que mal lhe pergunte, o que você está fazendo?

Ao que o desconhecido respondeu:

– Estou arrancando tocos, meu rapaz. A crise está demais, fica difícil arranjar serviço e, como não consigo serviço, me pus a arrancar tocos.

Sem saber o que dizer, o jovem resolveu mudar de assunto e perguntou:

– Como você se chama?

E o homem respondeu:

– Chamo-me Arranca-Toco.

– Ah, sim... – disse o jovem que, vendo aquele homem solitário e tão desesperançado quanto ele, sugeriu:

– Vamos comigo?

E o outro perguntou:

– Aonde?

– Aonde há serviço.

Não precisou dizer mais nada para convencer o Arranca-Toco, que largou o que estava fazendo para segui-lo.

Ambos caminhavam já há um bom tempo sem ver alma viva quando o Arranca-Toco quase tropeçou em um sujeito agachado, confundido com a paisagem.

– Cruz, credo! Que é que você está fazendo aí, agachado desse jeito? – perguntou ainda sob efeito do susto.

– Eu? – o homem ergueu a cabeça calmamente e disse, antes de se levantar e responder. – Eu estou escutando uma missa lá em Roma.

– Mas por que você está fazendo isto aqui? – continuou o Arranca-Toco.

Dúvida que o homem esclareceu:

– Ah, em tempos como estes o serviço é muito pouco, ninguém consegue nada pra fazer, então eu vim escutar uma missa em Roma.

– E como é que você se chama? – Lembrou-se de perguntar.

– Eu me chamo Bom-Adivinhão.

Foi quando o rapaz, o que iniciou essa história toda, se intrometeu.

– Ora, Seu Adivinhão, você está na mesma situação que a gente. Por que não se junta a nós? – e o Arranca-Toco apoiou, balançando a cabeça afirmativamente.

E o homem respondeu:

– Ora, por que não? – e começou a seguir os passos dos outros dois.

O trio caminhou algumas léguas por aquela paisagem que parecia nunca mudar, até que, quando menos esperavam, encontraram outro homem, embaixo de uma pedra. Foi o rapaz que perguntou dessa vez:

– O que você está fazendo aí, debaixo dessa pedra? – Os três olhavam curiosos.

– Ah, – começou o desconhecido após largar a pedra – estou comendo umas pedras aqui. Nesse tempo de crise, nessa seca, a gente não acha com o que se alimentar, então eu, que como muito, resolvi comer pedra pra me sustentar.

– E como é que você se chama? – Perguntou ainda o jovem.

– Engole-Pedra. É esse meu nome: Engole-Pedra.

– Bem, Seu Engole-Pedra, eu mais esses moços estamos procurando um lugar pra ir, onde a gente possa se sustentar. Por que você não vem com a gente?

O homem considerou a oferta enquanto terminava de mastigar um pedaço de pedra e achando-a interessante, se pôs a seguir os demais.

E os quatro continuaram caminhando, sem saber direito para onde, desprevenidos do que ainda iriam encontrar pelo caminho. E foi assim que avistaram um homem com sua espingarda. O rapaz, com cautela, se aproximou do homem e perguntou:

– Que mal lhe pergunte, o que você está fazendo com esta espingarda?

E ele respondeu sem se voltar para o rapaz:

– Pois então, eu estou dando uns tiros lá naquela serra. Como nesses tempos não se encontra nada pra matar, eu estou atirando naquela serra pra ver se consigo matar uma onça. Ela está lá atrás.

Foi quando o Engole-Pedra, de olho grande, perguntou:

– Matar uma onça?

– Sim. – O homem respondeu e apontou a espingarda novamente para a serra, dando um tiro certeiro. Satisfeito, mas coçando a cabeça como quem percebe uma complicação, se voltou para o grupo de viajantes e disse:

– Consegui, mas agora quem é que vai buscar a onça?

Todos ficaram se entreolhando calados, até que o Bom-Adivinhão se pronunciou:

– Ora, o jeito é a gente ir andando na direção da serra até achar o bicho. Já estávamos indo pra lá mesmo! – E, juntos, os cinco começaram a se dirigir para a serra.

Foi só então que o rapaz se lembrou de perguntar:

– Mas como é mesmo o seu nome, Seu caçador?

– Ah, sim, me perdoem. Meu nome é Bom-Atirador. – E mirou com a espingarda para se exhibir antes de retomar os passos dos companheiros.

No meio do caminho, encontraram mais um homem, este com os pés atados a ferro. Achando muito esquisito ver aquele homem preso como caça, o Bom-Atirador perguntou:

– Ô moço, o que o senhor está fazendo aqui, preso desse jeito?

E o homem respondeu:

– Eu estou aqui com os pés presos porque se eu soltar eu vou em Roma e volto em um segundo, só que com esse tempo de seca não dá pra ficar andando por aí não.

Foi então que o Engole-Pedra, com a esperteza aguçada pela fome, sugeriu:

– Então venha com a gente. A gente matou uma onça ali mas não encontrou ninguém veloz que pudesse trazer ela para a gente comer.

E o homem, já se ajeitando pra se soltar, falou:

– Eu, Bom-Corredor, o maior corredor dessas bandas, posso fazer isso antes mesmo que percebam! Onde é que ela está?

Foi o Bom-Adivinhão que respondeu:

– Está lá naquela quina daquela pedra.

O homem, mais do que depressa, desatou os pés, foi até a onça, jogou o bicho nas costas e levou-o aos demais. Aquela foi toda a comida que eles tiveram durante a viagem.

Depois de muito caminhar, quando o provimento de comida estava no fim, o grupo avistou a fazenda de um rei muito rico, criador de gado. Mal apareceram na porteira, o proprietário se apresentou com uma proposta, um desafio:

– Tenho um desafio para vocês. Se passarem, vocês ficam ricos, se não, serão degolados.

Foi o rapaz que teve coragem de perguntar, ainda que gaguejando:

– E qual é o... o que... o que é para a gente fazer?

E o rei, debochado, respondeu:

– Muito simples. Basta cortar aquela peroba ao meio. Quem conseguir fazer o serviço em meia hora ganha parte da minha riqueza. Mas lembro: se não conseguir, perde a cabeça.

O Arranca-Toco logo se adiantou, dizendo:

– Pois me leve até ela que eu faço o serviço!

O criado do rei fez indicações para que o Arranca-Toco o seguisse e o levou até a árvore. Duas machadadas foram o suficiente para que metade da madeira fosse cortada. O rei, temendo perder sua riqueza, interrompeu o serviço e falou com o Arranca-Toco:

– Pare um pouco para descansar, sim. Acompanhe-me até minha casa para que possamos tomar uma xícara de café. Depois você volta

para terminar o serviço. O que está feito não será desfeito. – E o Arranca-Toco, não vendo problemas em fazer uma pausa, foi.

Quando retornou, a metade cortada tinha voltado toda para seu lugar, como se ele nunca tivesse encostado o machado na árvore. Ela tinha sido enfeitçada a mando do rei. Percebendo isso, o Arranca-Toco imediatamente pegou o machado e deu uma machadada de cada lado da árvore, de forma que ela se dividisse em duas. E com o mesmo deboche com o qual o rei havia lhe proposto o desafio, disse:

– Quer que eu arranque a raiz? – E arrancou, antes mesmo de receber a resposta.

O rei, nervoso por sentir a chance de perder o desafio e o que tinha, estragou a comemoração dos homens propondo um segundo desafio:

– Calma que isso não foi tudo. Ainda tem o segundo desafio. Quero ver se vocês passam nesse: minha nega vai em Roma com meia hora e busca uma garrafa d’água. Quero ver qual de vocês consegue fazer isso mais rápido ainda. Valendo a minha riqueza ou a cabeça do desafiado.

Foi o Bom-Corredor que topou esse, dizendo:

– Me desatem.

Mas antes que o fizessem, mudou de ideia:

– Não precisa. Eu vou lá e volto assim mesmo.

Deixou que a mulher saísse na frente. Só quando faltavam dez minutos é que ele partiu. Conseguiu chegar primeiro, pegou a garrafa d'água e, quando já voltava, topou com a nega no caminho. Foi quando ela o parou e disse:

– Ei, espera! Espera que eu tenho uma coisa pra te dar.

E colocou uma aliança no dedo dele, que o fez cair adormecido. Foi o Adivinhão que descobriu tudo lá da fazenda e bradou:

– A gente está morto!

E os outros perguntaram:

– Por quê?

E ele explicou o que estava acontecendo.

Temendo perder a própria cabeça, o Bom-Atirador interveio, dizendo:

– Em qual dedo está a aliança?

E, assim que ouviu a resposta do Adivinhão, mirou com a espingarda e atirou, destruindo o anel enfeitado. Assim que o Bom-Corredor despertou, soltou-se das amarras, voltou em Roma, pegou outra garrafa e ainda conseguiu chegar à fazenda antes da nêga, que se mostrou incrédula ao ver que seu intento de sabotá-lo havia falhado.

Assim como ela, o rei não podia acreditar e começou a ficar desesperado. Mais do que imediatamente, lançou o terceiro e derradeiro

desafio, enquanto pensava na fortuna que estava a um triz de perder. E foi para assegurar que isto não aconteceria que lançou um desafio que considerava irrealizável:

– É, a coisa está feia pro meu lado, mas ainda não perdi a batalha. Tenho um último desafio que duvido que vocês cumpram! A minha nêga consegue comer um boi inteiro de uma vez. Quero ver qual de vocês conseguirá comer um também, e mais rápido do que ela!

O Come-Pedra, que já sentia a falta que a onça fazia em seu estômago, logo topou o desafio, sem nem medir suas proporções. Quando o rei ordenou que matassem os bois, o esfomeado imediatamente pediu que matassem o maior para ele; ambição que o rei achou vantajosa, já que julgava impossível um homem só comer um boi inteiro de uma vez. Este pensamento o fez assentir ao pedido do desafiado; porém, ele não contava com o tamanho da fome do Come-Pedra.

A nêga mais uma vez saiu na frente: se adiantou enquanto matavam o boi para o seu adversário, que começou quando ela já estava na metade do seu. Mas a fome do Come-Pedra era maior do que a agilidade dela e, quando ela assustou, ele já havia comido todo o boi que haviam matado para ele e a metade que faltava do dela. Foi então que protestou:

– Você perdeu a aposta, comeu o meu boi!

E ele inquiriu, desafiador:

– Será que perdi mesmo?

E ela, atrevida:

– Perdeu.

Mas o Come-Pedra, não saciado e nem se dando por vencido, avançou para cima da nêga e acabou por comê-la também.

O rei, indignado, imediatamente anunciou a derrota do Come-Pedra, por ele ter comido sua nêga. Porém, o homem já estava plenamente confiante e nada poderia detê-lo. E foi com toda essa confiança que ameaçou:

– Pois é, Seu rei. Comi dois bois, comi sua nêga, mas ainda sinto fome. E só falta comer o senhor!

E partiu pra cima do rei, com a boca aberta. Mas o rei se esquivou e bradou antes que fosse devorado:

– Pode fechar a boca, pode fechar! Por enquanto tá... tá encerrado o desafio! Não precisa me comer não que eu dou metade do que eu tenho pra vocês!

E foi assim que aquele grupo de rapazes conseguiu sua sorte e viveu feliz para sempre!

## **A história do Luiz Campanha**

Nóis tava fazeno u'a festa, lá ni Perdões mermo. E o terno de Luiz Campanha lá do Catupé. E o Luiz cunversano, deu uma voita assim cum o terno pa trás do pé do mastro, assim, ele fastô o pé pa trás e nóis tava chegano, aí nóis tava chegano o, num sei si foi o quê que é qu'ele arrumô lá e quando tava chegano perto do mastro ele jogô um num sei si é cipó ô num sei quê que é e aquilo virô uma tamanho du'a cascavéli que cê picisava de vê u'a coisa. Aí, quando ele jogô essa coisa que chegô lá que virô aquel' cascavéli, qu'ele tava fazeno assim, caí no pé do mastro, aquel' véio foi e tirô o chapéu e levô a mão e mandô o chapéu pra cima. E nóis todo mundo lá durim lá pra trás aqui assim. Aí, o chapéu del' virô um gavião e passô a mão no bico naquel' cascavéli e sumiu cum ele. Aí, eu fiquei parado lá. Nóis ficô todo mundo parado lá; cabeça baixa e todo mundo naquela tremera, naquela coisa. Quando nóis levantô um...

cabeça pra cima pa vê o qu'ê que tava conteceno, o chapéu caiu na cabeça del' ôtra veis. Aí, ele foi e gritô pro Luiz Campanha:

– Ocê tá inganado, Luiz. Tanto tem ocê pa mandá como tem Deus pa tirá.

Transcrição de Paulo Silas dos Santos Ferreira a partir de narrativa oral contada por Capitão Julinho, filmada em Fagundes, Minas Gerais. Vídeo disponível em: *Cê me dá licença: Capitão Julinho e o congado de Fagundes MG*. Direção: Wesley Zaremané. Brasília: Clube do Voleiro Caipira de Brasília; Gaia Vídeo, 2008. 1 DVD (152 min.), son., color.

# **Duelo entre Luiz Campanha e o Mistério Divino**

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

Se você tem medo de feiticeiro, não devia conhecer essa história. Porque eu juro com os meus pés juntos que foi de verdade e eu vi! Mas, ainda assim, acho que deveria saber essa história. Porque você nunca vai conhecer coisa tão espantosa!

Se me dá a palavra...

Foi lá em Perdões, na Festa de Nossa Senhora do Rosário, que tudo aconteceu. Toda a cidade tinha saído de casa e invadido a rua para acompanhar a passagem dos ternos de Catopê. E eu estava no meio. Tudo corria bonito e animado, até que apareceu o terno de um mestre que me contaram que era poderosíssimo! O nome dele era Luiz Campanha. Ele chegou comandando seu terno e trazendo suspense e arrepio. Eles foram caminhando até o mastro e o povo todo foi ficando mais quieto enquanto eles passavam.

Daí, o tal de Luiz Campanha chegou até o mastro e deu uma volta nele, acompanhado pelos outros homens. De repente e inesperadamente, ele mandou os homens se afastarem e se aproximou do mastro. Ninguém sabia o que estava acontecendo. E então, quando ele estava bem perto do mastro, ele pegou uma corda, um cipó ou algo assim, e, acredite, aquilo virou uma cascavel! De verdade! Dessas de chocalho e tudo!

Primeiro ela ficou lá, em posição de ataque, pronta para dar o bote. Depois ela começou a se mover. Só ela se movia. Toda a cidade ficou parada, estática de medo, assistindo aquilo. Daí ela começou a subir no mastro. As pessoas mal viram. Continuaram olhando para o chão, sem mover um dedo, sem fazer um ruído.

Foi quando chegou esse homem. Ninguém sabe quem e de onde. Ele se aproximou do mastro, encarou a cascavel, a cascavel olhou para ele e parou de subir, mas ainda batia o chocalho. Aí esse velho misterioso, sem tirar os olhos da cascavel, pegou o chapéu e jogou para o ar. O chapéu voou, voou e virou um enorme gavião faminto que, num rasante, pegou a cascavel pelo bico e subiu até sumir no céu.

Olhei ao redor para ver se estava mesmo acordado e se mais alguém estava vendo aquilo. Mas todo mundo ainda encarava o chão. Quando olhei de novo para o gavião, ele tinha desaparecido. Procurei o

velho e lá estava ele, com o chapéu de volta na cabeça, indo em direção ao Luiz Campanha. Só ouvi ele dizer pro Luiz: “O sinhô tá enganado, Seu Luiz. Tanto tem ocê pra mandá quanto tem Deus pra tirá”, antes de sumir na multidão.

## Os tambozero

É o seguinte: vier'os tambozeros de Minas Nova, aqui, assisti à Festa do Rosário, né? E chegan'aqui, na hora da saída do reinado, lá na porta da igreja, ês cumeçar'a batê o tambô, né? E os daqui chegaro tamém, ficô ês um per'd'oto, um dum lado e oto d'oto. Agora, cada um dês, que é a Festa do Tambô, cada um qué se mostrá mió, né? Pulá mió, cantá mió, aquelas bobage de antig'atrás, né? Aí ês foi cantano, cantô que ês num sabia nada, sabe num sabe, o oto falano qu'é ele... Aí, daí a pouco, quand'ês já tava naquele duelo, há muitas hora, os tambozero aqui de Chapada do Norte suspendeu o tambô, né? Quando suspendeu o tambô, saiu um galo preto `rupiado, pescoço pelado, e tchiú!, pá!, rasantano asa`ssim, no largo, né? Aí, os daqui acharo muita vantage, né? Que achô que tava... vencia co'ele, que tava venceno, né? Quand'ês achô que tava venceno, os tambozero de Minas Nova arribô o tambô: saiu um gato preto. E esse gato preto foi pegan'esse galo rupiado, e desceu pa

bera do Capivari, saiu lá no Largo do Rosário, e foi desceno no buraco e foi imhora c'ó gato preto.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Joel em Minas Novas, 1990, gravada por Reinaldo Martiniano Marques. Extraída de: SOUZA, Josiley. *Negros pelo vale*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. (Edições Viva Voz). p. 149.

# Duelo de tambores

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

Esta é mais uma história de disputa de sabidos. Aconteceu lá em Minas Novas e foi bem assim:

Não faz muitos anos, os tamborzeiros de Minas Novas vieram pra Festa de Nossa Senhora do Rosário. Mas eles chegaram bem na hora em que o reisado de Campanha do Norte estava saindo, e os dois grupos de tamborzeiros acabaram se encontrando no pátio em frente à igreja matriz.

Foram os de Minas Novas que começaram a batucada, tocando seus tambores; mas logo foram acompanhados pelos do outro grupo. Era a Festa do Tambor. Não demorou muito pra que um quisesse aparecer mais do que o outro: tocar melhor, pular melhor, cantar melhor, enfim, a festa virou competição, como é de costume.

Daí, depois de muitas horas de duelo de batuque e cantoria, os tamborzeiros de Campanha suspenderam o tambor. Todo mundo que

estava lá levou o maior susto quando viu que saiu de dentro do tambor um enorme galo preto, furioso, com as penas eriçadas – galo de briga mesmo –, e saiu batendo as asas e as esporas pelo pátio afora. Algumas pessoas até saíram correndo com medo da raiva do bicho.

Os tamborzeiros de Campanha ficaram todos animados. Já se davam por vencidos, por causa da sabedoria que eles tinham demonstrado. Mas quem ficou pra ver pôde assistir à revanche astuta dos tamborzeiros de Minas Novas: quando ninguém esperava, eles levantaram o tambor deles e de lá de dentro saiu um gato enorme e preto que devia estar com muita fome, pois na hora mesma em que ele saiu, ele pulou em cima do galo raivoso e agarrou ele pela boca, arrastando o bicho pras bandas do Capivari abaixo, até sumir.

Os tamborzeiros de Campanha ficaram sem recursos e, tendo sido vencidos, bateram em retirada enquanto o reisado vencedor ficou fazendo festa pra aquele povo todo que estava lá.

## A história do cigarro

– Puque o vissungo é assim: cê tira e o otro responde.

– Tem que tê o respondedô.

– Tem. O outro tá ali pa respondê. A gente tira e o oto lá sabe o que que é que cê falô. Antão o oto responde. É isso. Ah, houve uma ocasião, aí, morreu um ti meu. Ele era ti' segundo. Ele era irmão da minha vó. Chamava Ricaldo. Aí o que que `conteceu, e tinha um cumpade dele, que não quiria que cantava po meu ti – Bom, meu ti num é do meu tempo, não. Num cunhici, não. Ele é ti' da minha mãe, num cunhici não – Aí, quando pens' que não, o cumpade do meu ti morre, e veio um cumpade dele – que el' casô novin, sabe? Ah! tem um lugá chamado Ó – que é a fazenda Santa Cruz. Ah bã. Vei um tal de cunha'dele, cumpade dele veio, `companhá o interro de meu ti. E tinha meu ti' João Curto, João dos Santo, qu'é irmão do meu pai. E o Filmiano, qu'é o pai desse Bastião que tá duente. E tinha o tal Gazino, ês era bom. Já tinha aquês meste,

cantadô. Aí, num foi nada, não, que que 'conteceu, minin'. Quand'eu penso que não, meu tí' Noberto me contô essa história, quand'eu pens' que não, o home foi e falô assim, ó, o cumpade do meu tí' Ricaldo: "Ó, gente! Agora uma coisa eu vô pedi ocês. Eu num quero que canta po cumpade Ricaldo, não. Cumpade Ricaldo, num quero que canta po cumpade Ricaldo." Ah, o Firmianu mais o Juão meu ti, Juão dos Santo: "É tá danado! Nós num vão pô difunto, com'ê que vai sê? Nós num é 'custumado carregá 'sim, calado." Bão, meu tí' Juão. Bom, aí quando falô cum Firmiano: "É, com'ê que é, cumpade? Nós vamo assim calado, nós num rompemo difunto, não." Isso é Juão meu ti. Aí o Firmiano foi virô e falô 'sim: "É, nós num vão calado, não." Tá bão. E o home falô assim, vei cá falô cum o Firmiano, Gazino e meu tí' Juão e fo'imbora pra frente. "Num quero cantá po cumpade Ricaldo, não." Tá bão, foi nada não. Quando o home olhô pra frente lá, meu tí' Juão Curto foi, virô, falô 'sim: "Nós vão cantá. Nós vão cantá." E ele mais o Firmiano era cunhado. Meu tí' Juão mais o Firmiano era cumpade e cunhado. Era tudo ali mão dada. Ah, Minino! Quando pens' que não, era tempo de povo sabido, quando pens' que não, tirô, o Juão Curto tirô o vissungo, e antão, o Firmiano respondeu. Quando o Firmiano respondeu, ah, meu Deus do céu! O home de lá de dento desceno falô que num era pa cantá po meu tí' Ricaldo, vei de lá de tráis pra cá, calado, preparô um cigarro e intregô o meu tí' Juão

Curto, irmão do meu pai. O que foi e fumô o cigarro. Ó, minino! Quando pens' que não, meu ti, quando Firmiano tira lá, cadê João dos Santo respondê? O Firmiano bole lá. Quedê o oto respondê? "Ahhhh". Tá roco de tudo. Ficô roco, cadê a voz saí? Aí o Firmiano vei de lá pra cá. Chegô cá e falô 'sim: "Ah, cumpade! O que que o sinhô viu? Que o sinhô num tá, tocano o sinhô num tá respondeno?" "Ah, ahhhhh, ciigarr, ahh" [sussurrando]. Quando meu ti' falô cum Firmiano, Firmian' falô 'sim: "Iscuta'qui ocê guardô o toco do cigarro?" "Tá'qui, no bolso daaah camiisa, tá'qui" [sussurrando]. "Ah num tem pirigo, não. Num tem pirigo não. Não, não. Se ocê guardô o toco do cigarro, se ocê tivesse jogado ele fora tava ruim, mas se ocê guardô o toco do cigarro, tem pirigo, não." Tá bão, passô a mão, nesse toco de cigarro, falô: "Agora cê 'cende ele". Que ele fumô ele aqui, né? Ele falô 'sim: "Agora cê vira o lado que ocê pôs o fogo pa boca." E feis umas coisinha lá, o Firmiano. Ah, minino! Quando pens' que não as voz do meu ti' vortô, mas vortô normar. Ah, minino! Mas aí foi, mas, diz que aí é que meu ti' João mais o, esse o Gazino e o Firmiano, mais cantô urrano perto desse home que falô que num era pa cantá com... Mas diz que foi retumbano até no Mio Verde, de pique co'esse home.

- O interro foi bruxaria?
- Ora! Intendeu?

– Mas ês foi bobo, porque o meu ti foi bobo. Porque quand’ a pessoa tá numa salva dessa, vamo supô que a gente tá no catopê, nós vão num catopê aqui na cidade do Serro e lá tem muita gente. O catopê tamém ele é de devassa um com o odo, né? A gente num pode bancá o bobo, entendeu? Num pode bancá o bobo, que qualqué coisa... leva tinta. É isto aí, leva tinta. Antão, a pessoa tem que sê sempre vivo! É isso, viu? É. Antão, a pessoa, meu ti’ foi besta ele tamém tava distraído, né? Mas que tira as voz assim, tira as voz no momento. No catopê também é a mema coisa. Catopê, também tira as voz da pessoa que num fica valeno nada.

– Mas tira como?

– Na sabedoria deles, uai!

– O sinhô tem conhecimento dessa sabedoria?

– Não. Eu num sei nada, não. [risos]

Transcrição feita a partir de narrativa oral contada por Sr. Crispim em Milho Verde. Extraída de: NASCIMENTO, Lúcia Valéria do; OLIVEIRA, Marco Antônio de. *A África no Serro-Frio: vissungos: uma prática social em extinção*. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. p. 94-95.

# Tempo de povo sabido

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

Olha, se tem uma coisa que eu aprendi nessa minha vida é que a gente tem que andar com os olhos bem abertos. Tem que ser vivo mesmo, porque tem gente por aí que tem muita sabedoria que a gente não domina. E tem gente que usa pro bem, mas tem gente que usa pro mal. Então tem que ficar atento.

Aprendi isso com o Seu Crispim. Com uma história que ele sempre contava pra gente lá no Serro. E eu acredito porque ele dizia que aconteceu com gente conhecida dele, com parente. Então dá pra confiar. A gente confia desconfiando, mas...

Ele contou que foi no enterro do tio dele (era tio, eu acho). Mas tinha uns tios dele lá nesse enterro desse parente dele. Não, era um tio e uns outros homens. Ah! Não me lembro, mas sei que tinha uns homens acompanhando esse enterro desse tio dele que morreu. Era um João num-sei-o-quê, um Firmiano e um outro lá. E eles eram mestres

cantadores de vissungo. É costume deles cantar pro defunto na hora do enterro. Eles cantam uns vissungos lá pro morto. Só que nesse enterro aconteceu uma coisa que ninguém esperava: tinha um compadre desse morto lá. Se me lembro bem, ele tinha vindo de fora. E ele não queria que cantassem pro defunto, pediu mesmo pra que não cantassem. Mas daí os mestres falaram:

– Mas como é que vai ser então, se a gente não pode cantar?

Eles não conheciam outro jeito. Sempre tinha sido assim, com cantoria. Daí esse mestre João (acho que era tio dele mesmo, outro) falou:

– Não, nós vamos cantar sim! Como não? Não tem outro jeito.

Nós vamos cantar.

E puxou o vissungo. E o Firmiano respondeu logo depois. Porque no vissungo é assim: um mestre tira, o povo responde, o mestre tira, o povo responde... e vira aquela cantoria!

Mas então, foi só o tal de Firmiano responder e aquele compadre do tio do Crispim, o que não queria que cantassem, enfezou. E “era tempo de povo sabido”, como o Seu Crispim contava. Ele estava lá atrás na procissão, mas daí ele veio andando cá pra frente e, num rastilho de pólvora, já estava lá onde os mestres cantavam. Ele foi, acendeu um cigarro e ofereceu pra esse João, que aceitou sem nem ver direito quem é que estava oferecendo.

Mas bastou um trago. Um só trago e voz nenhuma saiu mais da garganta dele. Ficou rouquinho de dar dó. É o que Seu Crispim conta. Eu não sei de nada.

Daí, chegou a vez do Seu João cantar e ele não cantou, e o Firmiano reclamou assim:

– Ô João, que assombração que você viu que você não canta, nem responde, nem nada?

Daí o Seu João tentou falar, mas foi baixinho, sussurradinho, sabe? Igual quando a gente fica rouco? O senhor já ficou rouco? Sabe como é? Que as coisas saem pelas metades? Sai o iniciiiiiiiiiinho e o resto fica? Foi assim:

– O cigaaaarr, o cigaaa...

O Seu Firmiano custou a entender, mas entendeu e falou:

– Mas você tá com o toco aí? Você guardou o toco?

E o João respondeu:

– Tá aqui... no boool... da camiii...

E o Firmiano disse:

– Ah, então não tem perigo não. Se você tivesse jogado fora, a coisa ficava feia, mas se não jogou, não tem perigo não. Pega o toco.

E o João pegou.

– Agora acende ele.

E ele acendeu.

– Agora você vira o lado que você pôs fogo pra boca.

E ele fez. Daí o Firmiano fez umas coisas lá, uns movimentos de encanto e pá-pum: a voz do João não-sei-o-quê voltou de novo. Melhor do que era antes. E eles recomeçaram a cantoria. Mais alto ainda.

Mas o tio do Seu Crispim teve sorte é que tinha homem sabido que usa a sabedoria pro bem do lado dele, senão ele estava lascado. É por isso que eu digo: tem que ser muito vivo pra viver nesse mundo.

## Pai Urubu e Pai Jacarandá

Eu vô transmiti po sinhô logo u'a passage muito importante, qu'eu iscu-tei um véi de nome Ricardo Caetano Alves, qu'era neto do proprietário da Fazenda do Buraca. O pai dele, ele contava que o pai del'assistiu u'a cena muito importante aonde ele tava, do Jacarandá, o chefe dos iscravo do Joaquim de Paula, c'o chefe dos iscravo do Vidigal, que chamava, era tratado Pai Urubu. O Jacarandá era tratado Jacarandá porque el'era um nego mais vermei, tá intendeno com'é que é, né? Intão é u'a imitância de cerno de Jacarandá, intão ês apilidar'ele de Pai Jacarandá. Agora, o Pai Urubu, diz qu'era o mais preto de todos os iscravo qu'era cunhido ness'época. Intão ele ficô c'o nome Pai Urubu. É quem dirigia, de toda cunfiança dos senhores. Intã'os senhores cunhiciam ês como "*pai*": Pai Urubu, Pai Jacarandá, Pai Francisco, qu'é o chefe da Fazenda das Abóbra, Pai Domingo, qu'era da Fazenda do Buraca.

Um dia de sábado, qu'era muito de costume, o'sinhores, assim como Joaquim de Paula, o Vidigal e otros mais, dava sempre um suéto, u'a veis pur mês, um sábado, pros cativo folgá: uns passeava, otros ia dançá. Intão, o Jacarandá foi encarregado dos cativo do Joaquim de Paula, qu'era cunhido como Pai Jacarandá, o Joaquim de Paula tratava ele Pai Jacarandá; mandô cunvidá o Pai Urubu, qu'era o chefe dos iscravo do Vidigal, pa ês dançá um samba lá na fazenda do Delgado. Intão, chegô o Pai Urubu co'a certa quantidade de iscravo pa dançá o samba.

O Jacarandá mandô matá treis galo pa dá p'ês jantá. Dipois desse jantá pronto, todo mundo em orde, qu'ês foro cumeçá a jantá, o Pai Urubu levantô e disse:

– Come carne, ma num rói cabeça de osso.

Mandô que depositasse tod'os osso nu'a travessa. Atravéis de todos jantarem, ele levantô, puxô du'a capanga de coro, tirô um pano veludado, e rebuçô aquês osso. E aí ele falô u'a language que ninguém `tendeu, uns dez minuto. Dipois, ele aguardô um certo momento, e esse pai do Ricardo viu o pano mexeno. Ele foi, o própio Pai Urubu tirô o pano, tinha um galo perfeito. Ele foi e disse:

– Cant'angaro!

O galo pulô em cima da mes'e cantô. O Jacarandá oiô assim e disse:

– Vorta galo pro seu lugar!  
O galo vortô e dismanchô.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Cordeiro Braga no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques. Extraída de: SOUZA, Josiley. *Negros pelo vale*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. (Edições Viva Voz). p. 152-153.

# Urubu-rei X Jacarandá-ferro

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

A veracidade desta história eu garanto pois eu mesmo presenciei. Aconteceu num sábado, na fazenda vizinha, que àquele tempo era do Joaquim de Paula – que Deus o tenha.

Pois então. É costume nosso, enquanto proprietários de terra, dar, uma vez por mês, um sábado de folga para os escravos. Para que possam descansar, passear, dançar, enfim, como o próprio nome diz, tirar uma folga do trabalho. E todo proprietário que tem muitos escravos tem que ter um de confiança para chefiar os outros e vigiá-los, até mesmo nos dias de folga. O do meu pai, por exemplo, era o Pai Domingos, que já morreu. O meu chamam de Pai Carvoeira, porque ele trabalhava numa carvoaria antes de vir pra cá. Mas todos são chamados de “pai”, pela sua posição superior.

Num desses sábados de folga, o Joaquim de Paula, que era dono da fazenda daqui do lado, ordenou que o chefe dos seus escravos, o Pai

Jacarandá, convidasse o chefe da fazenda do Vidigal, o Pai Urubu, e seus escravos para dançar um samba em suas terras. Então, como havia sido convidado pelo dono da fazenda, Pai Urubu não viu problemas em aparecer por lá com alguns de seus escravos para festejar um pouco; afinal, todos gostavam mesmo de uma boa roda de samba.

Com ordem do Joaquim, Pai Jacarandá tinha mandado matar e preparar três galos para serem servidos no jantar. Com a ceia servida e todo mundo sentado em volta da mesa improvisada pelos escravos anfitriões, o Pai Urubu ergueu-se e recomendou, com seu tom costumeiro de preto velho sabido:

– Comam toda a carne, mas deixem os ossos, e sem roer as cabeças!

E pôs na mesa uma travessa onde, por orientação dele, todos os ossos deveriam ser depositados *inteiros*. Ninguém entendeu muito bem o porquê daquilo, mas todo mundo obedeceu, inclusive eu, que estava lá de intrometido, pois adorava uma folgança de escravos.

Logo após o jantar, com ossos à parte, estômagos cheios, Pai Urubu tirou de sua velha capanga um pano de veludo e jogou por cima daquele tabuleiro, um verdadeiro cemitério de animais. Pensei que fosse para não dar moscas, ou para recolher os ossos para levar pros cachorros, ou algo assim; mas quase caí do banco quando vi o pano se mexer!

Achei que era delírio, esfreguei meus olhos, mas quando os abri de novo, o pano continuava se mexendo, sem parar. Bem que tinha ouvido o velho falar umas coisas estranhas, em outra língua, mas achei que ele estava conversando naquela língua deles lá, da terra deles. Mas fato é que, seja lá o que ele tenha dito e em que língua, fez aquele pano se mexer. E não era só isso! Quando Pai Urubu tirou o pano avivado vi que, na verdade, não era ele que estava encantado, mas sim os ossos, que voltaram a ser galo! Juro pela morte do meu falecido pai que, quando aquele homem tirou o pano, no lugar dos ossos havia um galo inteiro, com pena e tudo!

Daí o Pai Urubu foi e falou:

– Canta angalo!

E na mesma hora o bicho pulou em cima da mesa e começou a cantar, como se fosse meia-noite. Foi então que Pai Jacarandá, sem se mexer no banco onde estava sentado ou mesmo erguer os olhos, falou:

– Volta, angalo, pro seu lugar.

E o galo se desfez em ossos novamente, assim, na nossa frente.

Foi nesse dia que aprendi a respeitar a sabedoria dos escravos. E nunca mais quis saber de festa deles! Agora prefiro só ouvir os sons daqui, da minha janela.

## **O moço ressuscitado pur Pai Jacarandá**

O Pai Jacarandá, cunforme as tradição, ele tinha, paricia que tinha parte inté c'ó demõe. El'ia sempre em Mii Verde bebê cachaça, mais pa num dexá faia no lugá dele, ele dipindurava um sobrecasaco, qu'ele levava aguardan'ó frio, e punha nu'a estaca, e cuspia lá em roda, e saía. Saía, o Juaquim de Paula chegava, num dava farta dele lá no sirviço; o sirviço cuntinuava como se ele tivesse lá.

Um dia ele saiu e tinha dexado um dos cativo, rapazim novo ainda, duente, e foi em Mii Verde bebê cachaça. Quand'el'évem no Campo Alegre – isso é tradição de minha mãe – nos contava qu'ele incontrô co'a rede do rapazim, qu'ês lá ia levano ele pa interrá no Mii Verde, co'a rede. Que ness'época só tinha... o cimitério ainda era no Mii Verde. Intão ele preguntô:

– Quem é esse aí?

Disse:

– Ah, é fulano.

Eu num sei o nome não, num fiquei sabem’não.

– Põe a rede dele no chão aí.

Pusero a rede dele no chão, ele oiô:

– Ah, dessa veis ele num vai interrado não.

Meteu a mão na capanga, tirô u’a raiz, rapô, pôs num coitezim, pegô a cachaça, e pôs lá um poquim da cachaça, e misturô:

– Abre boca dele.

Diz qu’ês meteu uns ferro, abriu a boca dele, u’as faca, num sei que lá mais, abriu a boca dele à força, e ele virô. Virô o remédio, diz que passar’uns momento, diz qu’ele cumeçô a mexê. Cum pôco ele abriu os ói, sentô, depois ele mesmo levantô e vortô são. Ressuscitô.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Cordeiro Braga no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques. Extraída de: SOUZA, Josiley. *Negros pelo vale*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. (Edições Viva Voz). p. 145.

# O moço ressuscitado por Pai Jacarandá

Transcrição de Milena Ariele Borges

Bom, feitiço para mim é coisa que assusta mesmo. Já arrepiava só de ouvir, mas conforme os costumes, eles não deixam de existir. A história do Pai Jacarandá é um tipo desses.

Segundo as tradições, Pai Jacarandá era um homem que aparentava ter até parte com o demônio. Tinha o costume de ir sempre a Milho Verde beber cachaça, mas para que ninguém percebesse sua ausência no trabalho, ele pendurava um casaco, que usava para se proteger do frio, em uma estaca, cuspiam ao redor para deixar sua marca e então saía rumo à cidade. Quando o Joaquim de Paula chegava, nem percebia a falta dele no trabalho e o serviço continuava como se Pai Jacarandá ainda estivesse lá.

Um dia ele saiu e deixou um dos cativos sozinho, rapazinho novo e que estava adoentado. Foi a Milho Verde beber cachaça e na volta, ao passar por Campo Alegre, encontrou com um povo carregando uma rede

com um menino para ser enterrado na cidade, pois naquela época só tinha cemitério lá. Então Pai Jacarandá perguntou:

– Quem é esse aí?

Responderam:

– Ah, é um fulano aí.

O nome do rapazinho ninguém sabia. Então ele, Pai Jacarandá, continuou:

– Põe a rede dele no chão aí.

Colocaram a rede no chão e ele olhou:

– Ah, dessa vez ele não vai ser enterrado não.

Nesse momento o Pai Jacarandá enfiou a mão na capanga, tirou uma raiz, raspou, colocou em um potinho, pegou a cachaça, acrescentou um pouco, misturou tudo e disse:

– Abre a boca dele.

O povo, sem questionar, abriu a boca do rapazinho à força. Pai Jacarandá virou o remédio todo e após alguns minutos o menino começou a mexer. Pouco tempo depois, o menino abriu os olhos, sentou, levantou sozinho e ficou curado. Pai Jacarandá, não sei como, conseguiu ressuscitar o menino!

## Pai Francisco

Os iscravo das Abóbra... O Pai Domingo, não, o Pai Francisco, Mané Francisco [Entrevistador: Pai Francisco, encarregado dos escravos da Fazenda das Abóboras.] É.

Intão, minha mãe sempre nos contava, que a vó dela contava qu'esse Mané Francisco, o rio pudia tá nas maió inchente, qu'ele falava `sim:

– Eh, eu hoje vô cumê os torresmo di cumadre.

– Ah, Mané Francisco, num vai não; cê morre afogado.

Disse:

– Ah, afogado nada!

Diz qu'ele tirava a precata, batia a precata uma na otra, carçava `tra vez, entrava no rio. Intrava. Cum poco, ele saía d'oto lado, e tirava as precata:

– Ô cumadre, minhas precata tá inxuta.

No dia qu'esse Mané Francisco morreu, minha mãe sempre nos contava, que eles levaro ele nu'a rede pa interrá no Milho Verde. Quando

chegô lá no Campo Alegre, tinha dois rapaz, vistoso!, um do la'do caminho e o to d'oto lado, dibaxo. E diz qu'esses dois moço:

– Vô... – 'sim. – Licença, nós vamo carregá essa rede um poco.

Diz que um pegô no colo da rede adiante, o o to pegô atrás. Quand'eles andaro uns cinquenta passo mais o meno, um berô po o to e disse:

– Tá siguro, Tumais?

O o to falô assim:

– Tá siguro até dimais.

E diz qu'esses dois moço sumiu co'essa rede, qu'ês num viro mais o distino dessa rede. Chegaro im Milho Verde, perguntaro:

– Num chegaro, num chegô dois moço com uma rede aí não?

– Não. Num chegô ninguém não.

Aí vortaro, apavorado. Quando ês chegaro aí na Fazenda das Abóbora, diz que ouviu um istrondo, cum coisa que foi passage de um planeta. Um virô e disse:

– Ó, eu já sei: é a chegada de fulano no inferno.

Intão, minha mãe nos contava que a avó dela contava esse caso, que acunteceu nas Abóbora.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Pedro Braga no Vau, 1988, gravada por Reinaldo Martiniano Marques. Extraída de: SOUZA, Josiley. *Negros pelo vale*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2009. (Edições Viva Voz). p. 150-151.

# Como reza o contrato: cordel para Pai Francisco

Transcrição de Stéphanie Paes Rodrigues

Na Fazenda das Abóbra  
era lá muito temido  
certo mestre dos iscravo  
qu'era um dos mais sabido

Chamado de Pai Francisco  
ele não se misturava  
Morava na bera do rio  
onde ninguém perturbava

Pois o povo tinha medo  
do seu jeito carrancudo  
Diziam até que ele  
tinha acordo c'ó "Chifrudo".

Isso é o que me contaro  
do princípio até o fim  
Os home que tava lá  
diz sempre que foi assim

Pai Francisco sempre usava  
um mesmo par de precata  
Os anos iam passano  
e elas nunca tavam gasta

Se pricisava passá  
pro otro lado do rio  
ele batia as precata  
e topava o disafio

Com as precata no pé  
ele atravessava a nado  
E co'as precata inxuta  
chegava do otro lado

Mesmo se tinha inxurrada  
ele não s'intimidava  
Se tava cum as precata  
a correnteza infrentava

Dizem que conforme o pacto  
o tal Pai Francisco tinha  
o seu corpo bem fechado  
e nada lhe atingia

E só não se safaria  
do acerto no final  
É o que minha mãe dizia  
sobre o seu funeral

No dia de sua morte  
Pai Francisco foi levado  
pras terra de Milho Verde  
onde seria enterrado

Mas no meio do caminho  
dois rapazes nunca vistos  
viero para ajudá  
a levá o Pai Francisco

Cada um pegou dum lado  
da rede com o defunto  
E não mais que de repente  
os dois sumiro no mundo

Ao chegá no Milho Verde  
o cortejo perguntô  
"Chegô aqui um defunto  
que dois rapaiz carregô?"

"Não, eu não vi, eu não sei"  
foi o que o povo falô  
e o cortejo do difunto  
Pras Abóbora voltô

E foi lá qu'eles ouviro  
um tremendo dum trovão  
que não vinha lá de cima  
ele vinha era do chão

Parecia até que era  
a passage dum cometa  
Mas um véio logo disse  
"Isso é coisa do Capeta"

O estrondo era Pai Francisco  
que no inferno foi morá  
Já que devia sua alma  
o Diabo vei' cobrá

Se assim reza o contrato  
não adianta corrê não  
Na hora determinada  
você vai topá c'ó "Cão"

(Pois c'ó Diabo é assim)  
S'ele deu a palavra  
Co'ela nunca vai faltá  
Mas s'ele deu o seu preço  
Ah, você tem que pagá!

E assim finalizo a história  
de feitiço e danação  
Se ocê gostô bate palma  
Se não, encolhe suas mão

E eu aqui me despeço  
pedindo a Deus proteção  
pra nunca caí nas garra  
e artimanha do "Cão".

## A irmã Anastácia

Ela foi tão sofrida, né? E a patroa dela tomav'ela do patrão. Um dia, ela disse `sim:

– Cê vai `panhá lenha e pô naquele forno. Cê vai `panhá lenha e pô naquele forno.

Quand'ó forno tava vermêi, ela mandô:

– Agora, cê vai limpá aquele forno.

E minha sogra contava que o forno era que nem aqui `sim, nessa janela, recebia `qui nessa janela. Intão, abri'ó forno aqui, com'mod' de tomá o ar, mode o calô do forno, né? Er'um forno grande...

Aí ela trancô o forno, ela falô co'a ota:

– Agora peg'ela.

As otas duas pa pegá ela e infiá den'do forno. E infiô ela den'do forno e tracô. Aí dexô. Ela foi pa lá, ficô. Quand'ela vortô, disse `sim:

– Ô Francelina, abr'esse forno. – A Francelina er'a bisavó do meu paim, né? E da mãe do meu pai. Intão:

– Abr’esse forno!

Intão, ela ficô de cá e mandô a Francelina abri o forno.

Quand’a Francelina distampô o forno, que foi oiá den’do forno, saiu aquela bandeja de flore, e foi saíno, e ela foi `fastano; e ela foi sain’na janela, essa bandeja, vuano, subino prum cord’arriba – diz que chamava “cor’de cima”. Foi subino p’esse cord’arriba até qu’ês num viu mais, num sabe p’onde foi. E o forno ficô limpim; num ficô nada.

Intão, é a irmã `Nastácia. Intão tinh’até a oração dela, de irmã `Nastácia; tinha co’a cara dela, aquela negra forte.

Transcrição de Rogério Machado Caetano, a partir de narrativa oral contada por Generina Isidora da Silva em Araçuaí, 1996, gravada por Jader Gontijo. Extraída de: SOUZA, Josiley. *Negros pelo vale*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. (Edições Viva Voz). p. 47-48.

# A irmã Anastácia

Transcrição de Milena Ariele Borges

Era uma vez uma moça muito sofrida que se chamava Anastácia. Trabalhava na casa de dois senhores e, como se não bastasse o excesso de trabalho, a patroa ainda não gostava dela. Obrigava a coitadinha a fazer trabalho pesado para humilhá-la ainda mais. Certo dia a patroa disse:

– Cê vai panhá lenha e pô naquele forno!

Anastácia sempre obedecia às ordens e depois que havia colocado toda a lenha no forno e esse estava bem vermelho, a patroa ordenou que ela limpasse tudo.

A boca do forno era grande como uma janela e Anastácia abriu bastante a porta para que ventilasse antes de começar a limpar.

Nesse instante a patroa trancou o forno e falou com a outra, a bisavó Francelina:

– Agora pegamo ela!

As duas pegaram Anastácia e a enfiaram dentro do forno, deixaram ela lá e saíram. Passado algum tempo voltaram e a patroa disse à Francelina para abrir o forno. A patroa ficou de um lado observando enquanto Francelina abria o forno e, ao abrir, ambas se surpreenderam com o que viram. A forte negra, irmã Anastácia, se transformou em uma bandeja de flores pairando no ar, saiu do forno, passou pela janela, subiu mais e mais até desaparecer aos olhos das duas que observavam espantadas.

O forno ficou limpinho e não havia mais vestígios de nada lá dentro.

## Referências

### Contos orais

NASCIMENTO, Lúcia Valéria do; OLIVEIRA, Marco Antônio de. *A África no Serro-Frio: vissungos: uma prática social em extinção*. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

CÊ me dá licença: Capitão Julinho e o congado de Fagundes MG. Direção: Wesley Zaremané. Brasília: Clube do Violeiro Caipira de Brasília; Gaia Vídeo, 2008. 1 DVD.

SOUZA, Josiley. *Negros pelo vale*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. (Edições Viva Voz).

### Áudios

#### ***Faixas 1-5; 7-11***

SOUZA, Josiley (Pesq.). Gravações feitas na pesquisa de campo para o livro *Negros pelo vale*, Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2009. (Edições Viva Voz).

## **Faixa 6**

NASCIMENTO, Lúcia Valéria do (Pesq.). Gravação feita na pesquisa de campo para a Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos *A África no Serro-Frio: vissungos: uma prática social em extinção*, FALE/UFMG, 2003.

## **Vídeo**

CÊ me dá licença: Capitão Julinho e o congado de Fagundes MG. Direção: Wesley Zaremané. Brasília: Clube do Voleiro Caipira de Brasília, Gaia Vídeo, 2008. 1 DVD.

Este livro é resultado de trabalho realizado na disciplina Estudos Temáticos de Edição: Técnicas de Edição de Textos, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Sônia Queiroz no primeiro semestre de 2010. Composto em caracteres Verdana e impresso a *laser* em papel reciclado 75 g/m<sup>2</sup> (miolo). Acabamento em kraft 420 g/m<sup>2</sup> (capa) e costura artesanal com cordão encerado. Contém CD de áudio e vídeo.

**Publicações Viva Voz  
de interesse para a área de língua francesa**

**De quibungos e meninos**

Gleicienne Fernandes

Mariana Pithon

**Jali Kunda**

**Griôs da África Ocidental e arredores**

Ana Ribeiro Grossi Araújo (Trad.)

**Negros pelo vale**

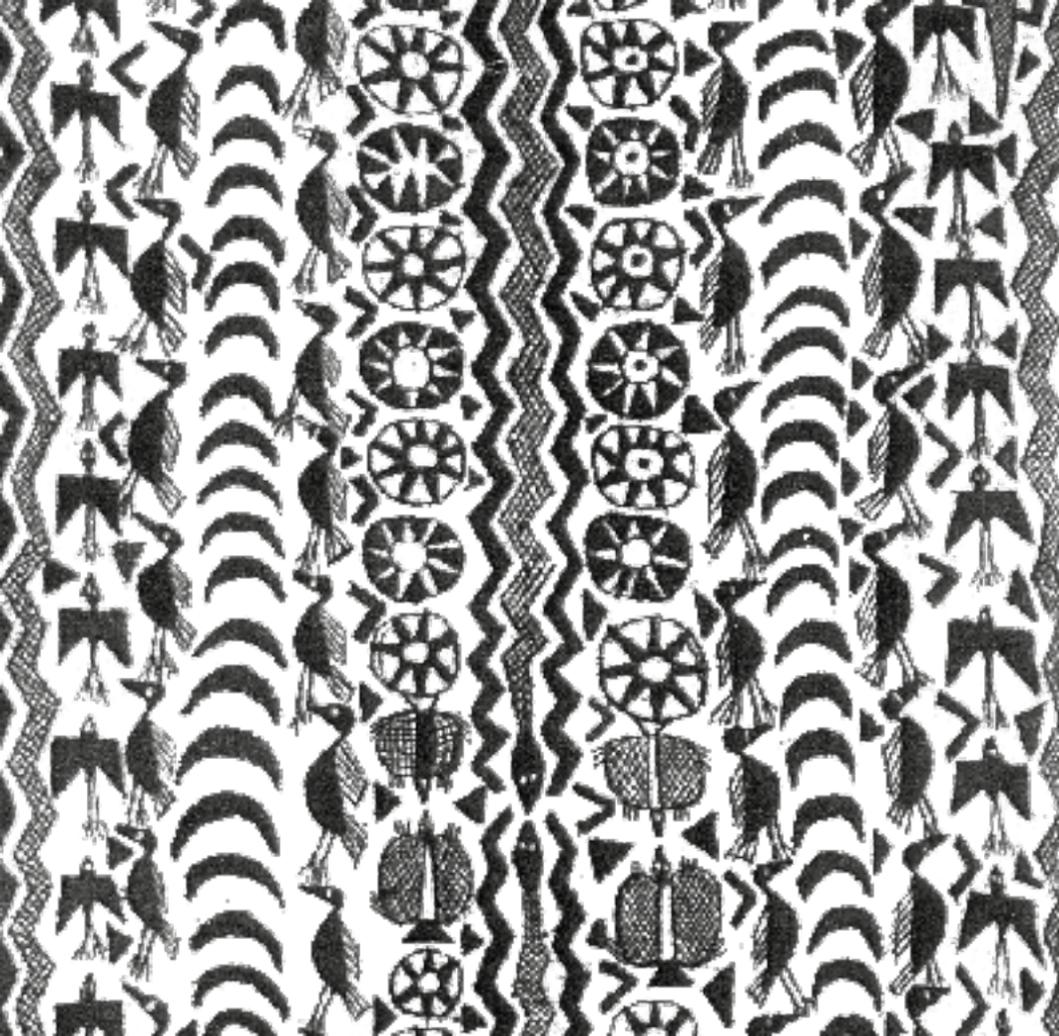
**2. ed.**

Josiley de Souza

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em  
versão eletrônica no *site*: [www.lettras.ufmg.br/vivavoz](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz)



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.



## **Histórias de sabidos**

### **Áudio**

1. Juãozim e Pena Verde  
(Silvânio)
2. João Tomba-Morro  
(Francisco Lourenço Borges)
3. Os três rapais  
(Geni Maria de Jesus)
4. História da crise  
(Onofre Cordeiro de Azevedo)
5. Os tambozero  
(Joel)
6. Caso do cigarro  
(Crispim Veríssimo)
7. Pai Urubu e Pai Jacarandá  
(Pedro Braga)
8. O moço ressuscitado por Pai Jacarandá  
(Pedro Braga)
9. Pai Francisco  
(Pedro Braga)
10. A irmã Anastácia  
(Generina Isidora da Silva)

### **Vídeo**

- A história do Luiz Campanha  
(Capitão Julinho)

